

A ESPADA e a Espátula

Combatendo o pecado e trabalhando para o Senhor.

PERGUNTANDO PELAS VEREDAS ANTIGAS

POR J. C. RYLE

Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

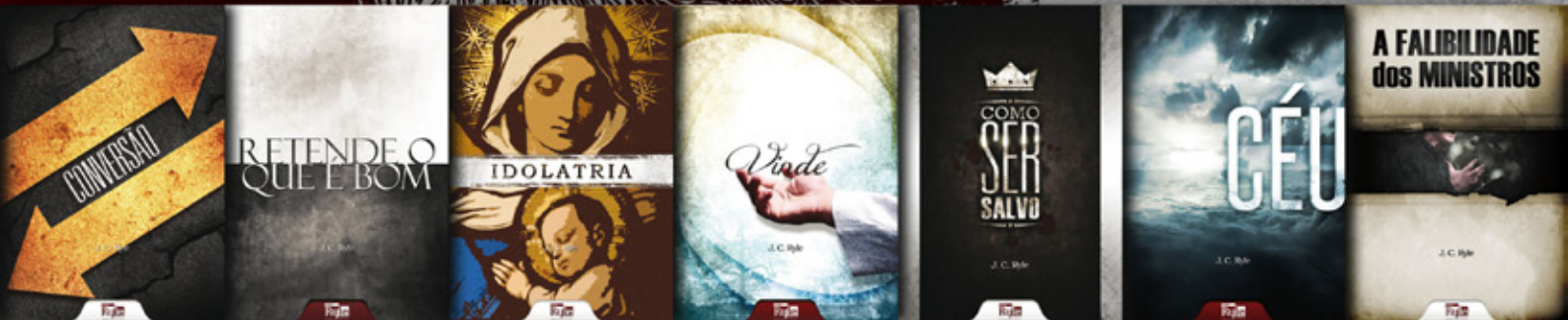
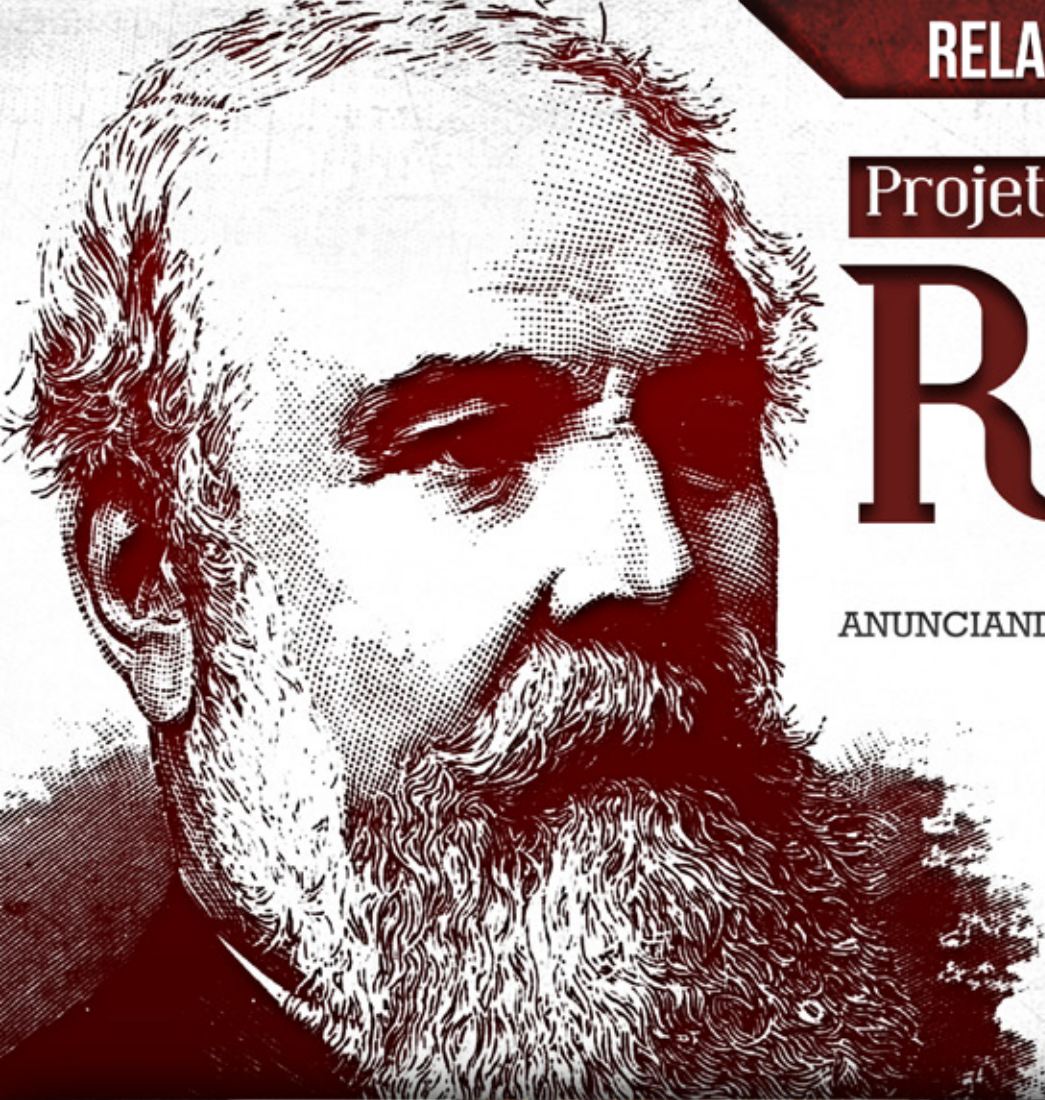


RELANÇAMENTO DO SITE

Projeto

Ryle

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA



Acesse nosso site e confira textos inéditos de J. C. Ryle em português.

· Sermões · Tratados · Artigos ·

WWW.PROJETORYLE.COM.BR

A ESPADA e a Espátula

Combatendo o pecado e trabalhando para o Senhor.

A Espada e a Espátula é uma publicação Bimestral de Projeto Spurgeon – Proclamando a CRISTO Crucificado & Projeto Ryle – Anunciando a Verdade Evangélica, inspirada na original “The Sword and the Trowel”, lançada por C.H.Spurgeon em 1865.

- Editor:
Armando Marcos

- Colaboradores:
Andreia Ferreira
Maurício Zagari
Francine Vérrissimo
Carlos Antônio da Rocha
Josemar Bessa
Walter McAlister
Sara de Cerqueira
Josep Rossello

- Revisão e prova:
Armando Marcos

- Capa e diagramação:
Victor Silva

- Fotos:
Pesquisa de imagens, Wikipédia e arquivo de Projeto Spurgeon e associados.

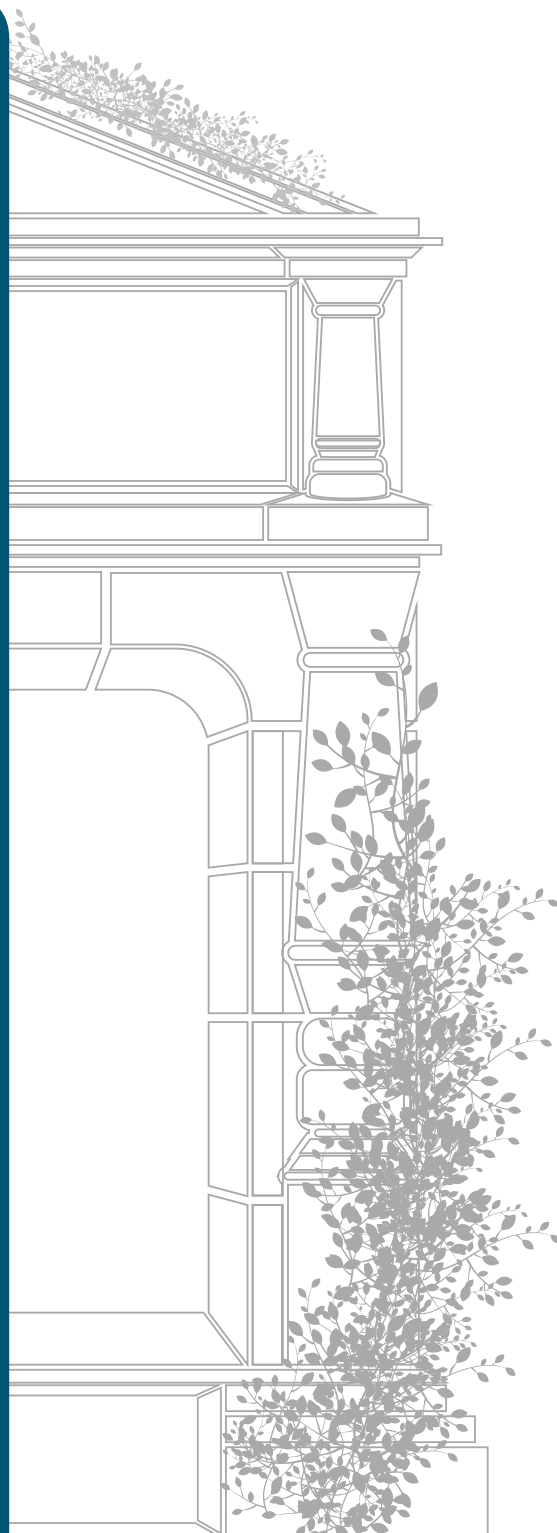
- **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**
É permitida a livre distribuição desse material, e a livre impressão para distribuição e uso pessoal, somente vedado o lucro e a venda sem autorização.

- Contato:
Email: projetospurgeon@gmail.com

- Twitter:
[@ProjetoSpurgeon](https://twitter.com/ProjetoSpurgeon)
[@ProjetoRyle](https://twitter.com/ProjetoRyle)

- Facebook:
<https://www.facebook.com/projetospurgeon>
<https://www.facebook.com/BispoJCRyle>

- Site:
www.projetospurgeon.com.br
www.projektoryle.com.br



EDITORIAL

Outubro é considerado pela maioria da cristandade protestante o tempo oportuno para se relembrar a Reforma Protestante. De fato, é sempre bom estudar e recordar como Deus levantou vários homens durante séculos para restaurar a Igreja às suas antigas doutrinas e práticas, enterradas por superstições e sufocadas pelo erro e pelo esquecimento, e que tomou um rumo mais definitivo a partir da ação do Senhor pela vida de Lutero depois de 1517 mais significativamente.

Porém a Igreja, que sempre deve estar se reformando, não necessita hoje da mesma atitude dos reformadores? Creio que sim, mas não somente da mesma atitude, ou coragem e desprendimento, mas também de estar firmada na verdade evangélica e no fundamento apostólico, que é a base da Igreja em Cristo. Para isso, é importante saber onde estamos, e se estamos bem sedimentados na Verdade para, assim, evitar cair nos erros de outrora e, com valentia, corrigir nosso caminho e seguir adiante na força do Senhor Jesus Cristo.

Nesse mês tivemos aqui no Brasil a 28ª Conferência da Editora Fiel, que teve como tema e meta explicar sobre os alicerces da fé cristã. E a partir deles, louvar e glorificar ao Senhor com nossa vida nova em Cristo, obedecendo e amando Sua lei, e sendo bênção na vida de outras pessoas. Podemos, e devemos, combinar o destemor de Reforma da Igreja com a firme confiança e base para estarmos firmados na verdade. Clamamos ao Senhor que essa edição da E&E seja também de ajuda para que relembremos quais são os nossos alicerces, onde está a base da nossa fé.

A partir disso, como os reformadores, os Pais da Igreja e os Apóstolos do Senhor, tenhamos ânimo e destemor de anunciar a Verdade Evangélica, confiados na bênção do Alto: nós do Projeto Spurgeon, com esse propósito de ser de ajuda nessa meta em Cristo, relançamos o Projeto Ryle nesse mês, com o lema de anunciar a verdade do Evangelho, em um novo layout que esperamos seja de agrado e ajuda à Igreja e às Ovelhas de Cristo que ainda estão sendo chamadas pelo Senhor.

Que o coração da Reforma Protestante esteja em nosso íntimo, e que a lembrança histórica nos ajude a evitar seus erros, a imitar seus acertos, levando o Evangelho em pleno acordo ao ide do Senhor. Mas que não seja somente um saudosismo que não tenha efeito real em nossa vida cristã.

Ainda que saibamos que as portas do inferno não prevalecerão sobre a Igreja do Senhor, nós devemos com fé sempre estar alertas e vigilantes para que, no futuro, se necessário, sejamos pelo ensino e conduta cristã, lembrados como pedras preciosas de uma reforma, e não algo a ser reformado.

Armando Marcos Pinto
Editor
São Paulo, outubro de 2012

· INDICE ·

- Sentados à mesa no Céu
Por C. H. Spurgeon..... 6
- Como saber se o que cremos é verdade?
Por Walter McAlister..... 11
- Beleza: Uma obra Divina
Por Francine Vérissimo..... 18
- A santificação sacrificada no altar da “missão”
Por Josemar Bessa..... 22
- Fugindo da Grande Comissão
Por Sara de Cerqueira..... 27
- O que é a Oração?
Por Bispo Josep Rossello 32
- Nem Tudo que reluz é ouro
Por Andreia Ferreira 37
- História: Bach cantou o seu Cristianismo em música
Por Carlos António da Rocha..... 42
- Bendita Desgraça
Por Maurício Zágari 46
- Perguntando pelas Veredas Antigas
Por J. C. Ryle..... 52

SENTADOS À MESA NO CÉU

Por C. H. Spurgeon

“Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus”. Mt 8:11

Gosto muito desse texto, porque me revela o que é o céu, e me apresenta um belo quadro dele. É dito que é um lugar onde me sentarei com Abraão, Isaque e Jacó. Oh, que pensamento mais doce é esse para o trabalhador. Muitas vezes ele limpa seu suor de sua fronte, e se pergunta se acaso existe uma terra onde não terá que afanar-se nunca mais. Muito raramente come uma casca de pão que não esteja úmida com seu suor. Diversas vezes vai para casa esgotado e se deixa cair numa cadeira, talvez desmaiado e cansado para poder dormir. Ele se pergunta: Ah, não existe um a terra onde eu possa descansar? Não existe um lugar onde eu possa ficar quieto? Sim, você que é filho do trabalho árduo e estafante:

“Existe uma terra feliz

Longe, longe, muito longe”

Onde esse trabalho árduo e estafante é desconhecido. Além do firmamento azul, existe uma formosa cidade luminosa, cujos muros são de jaspe, e cuja luz brilha mais que o sol. Ali “os ímpios deixam de perturbar, e ali os de esgotadas forças descansam.” Ali estão os espíritos imortais que não precisam se limpar do suor de suas fronte, pois “não semeiam nem segam”, nem estão submetidos a um trabalho árduo e cansativo.

*“Ali em um monte verde e florido
Suas cansadas almas se sentarão:
E com gozos grandiosos farão
Um conta das fadigas de seus pés”*

Para minha mente, uma das melhores visões do céu é que ele é uma terra de re-

pouso; especialmente para o trabalhador. Os que não têm que trabalhar duro, pensam que amarão o céu como um lugar de serviço. Isso é muito certo. Porém, para o trabalhador, para o homem que labora arduamente com seu cérebro ou com suas mãos, sempre será um doce pensamento que exista uma terra onde iremos descansar finalmente.

Pronto, essa voz não será forçada mais: logo, esses pulmões não terão que se exercitar além de seu poder; logo, esse cérebro não será atormentado pelo pensamento; mas eu me sentarei à mesa do banquete de Deus; sim, estarei reclinado no peito de Abraão, e estarei tranquilo para sempre; oh filhos e filhas de Adão que estão cansados, não terão que empurrar o arado em um ingrato solo no céu, não terão que se levantar para desempenhar árduos trabalhos antes que o sol nasça, e trabalhar ainda quando o sol tenha se posto já a um bom tempo; mas sim estarão tranquilos, estarão quietos, descansarão, pois todos são ricos no céu, todos são felizes lá, todos estão em paz. Trabalho duro, problemas, cansaços, esforços, são palavras que não podem ser soletradas no céu; não existem tais coisas ali, pois ali todos sempre repousam.

E notem com que boa companhia compare. Eles “sentarão com Abraão, Isaque e Jacó.” Algumas pessoas pensam que não reconhecerão ninguém no céu. Mas nosso texto declara que nós nos sentaremos “com Abraão, Isaque e Jacó”. Então, tenho certeza que estaremos conscientes que eles são Abraão, Isaque e Jacó. Eu escutei a história de uma mulher que perguntou a seu marido, quando estava prestes a morrer: “meu querido, você crê que me conhecerá quando você e eu chegemos ao céu?” Ele respondeu: “Se eu a reconhecerei? Vamos, sempre a conheci enquanto esteve aqui, e pensa que irei ser mais insensato quando chegue ao céu?” Penso eu que foi uma excelente resposta.

Se nós nos conhecemos aqui na terra, nos reconheceremos depois. Eu tenho queridos amigos que partiram para o além, e sempre é um pensamento doce para mim que, quando pise meu pé, como espero fazê-lo, no umbral no céu, ver minhas irmãs e ir-

mão me tomarem pela mão, dizendo: “Sim, amado, já está aqui.” Parentes queridos que foram separados, se encontrarão novamente no céu. Alguns de vocês perderam uma mãe que se foi ao céu; e se você segue as pisadas de Jesus, você se encontrará com ela lá.

*Alem do firmamento azul,
existe uma formosa cidade
luminosa, cujos muros são de
jaspe, e cuja luz brilha mais
que o sol*

Em outro caso, parece-me que vejo a alguém que vem lhe receber à porta do paraíso; e ainda os laços de afeto natural possam ter sido esquecidos em certa medida – se me permitem usar uma figura – que abençoada ela seria quando ela se voltasse para Deus e lhe dissera: “Aqui estou eu, e os filhos que me tens dado.” Reconhecemos a nossos amigos: esposo, você reconhecerá sua esposa. Mãe, você reconhecerá a seus amados filhinhos; você via suas figuras quando jaziam brancas, ficando sem alento. Você se lembra como se jogou sobre suas tumbas ao momento de ser lançada a fria terra sobre eles, e se disse: “A terra a terra, o pó ao pó, as cinzas as cinzas;” porém, você voltará a escutar suas amadas vozes de novo; você escutará essas doces vozes uma vez mais; você ainda saberá que as pessoas que você amou, foram amadas por Deus. Por acaso não seria um lúgubre céu para nossa habitação, um onde não pudéssemos conhecer a ninguém e ninguém nos reconhecesse? Não me interessaria ir a um céu assim.

Eu creio que o céu é a comunhão dos santos, e que nos reconheceremos uns aos outros ali. Muitas vezes pensei que terei muito gosto em ver a Isaias; e tão logo chegue ao céu, creio que irei perguntar por ele, porque ele falou mais sobre Jesus do que todos os demais profetas. Estou certo que vou

querer encontrar George Whitefield, quem continuamente pregou ao povo, e se gastou como zelo mais que seráfico. Oh sim, teremos uma companhia eleita no céu, quando chegemos. Não haverá distinção entre cultos e incultos, clero e leigos, mas sim caminharemos livremente entre todos; sentiremos que somos irmãos; sentaremos-nos com “Abraão, Isaque e Jacó.”

Escutei outra vez sobre uma dama que recebeu a visita de um ministro em seu leito de morte, e lhe disse: “quero fazer-lhe uma pergunta, agora que estou a ponto de morrer.” “Bem,” perguntou o ministro, “qual é a pergunta?” “Oh”, respondeu ela, muito afetada, “quero saber se existem dois lugares separados no céu, pois eu não poderia suportar que Beth, a cozinheira, estivesse no céu junto comigo. Ela é tão pouco refinada.” O ministro deu a volta e respondeu: “oh, não se preocupe por isso senhora, não há temor disso; enquanto não se despoje desse seu orgulho maldito, você jamais entrará no céu.” Todos nós devemos nos despojar de nosso orgulho. Devemos nos humilhar e estar sobre uma base de igualdade diante dos olhos de Deus, e ver em cada homem um irmão, antes de poder esperar ser recebido na glória.

Bendizemos a Deus, e lhe damos graças porque não preparará mesas separadas para uns e para outros. O judeu e o gentio se sentarão juntos. O grande e o pequeno se alimentarão dos mesmos pastos, e “nos sentaremos com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus.”

Mas meu texto tem ainda uma doçura mais profunda, pois afirma que “muitos virão e se sentarão.” Alguns fanáticos de mente estreita pensam que o céu será um lugar muito pequeno, onde haverá pouquíssima gente que assistiu a sua capela ou a sua igreja. Eu confesso que não tenho nenhum desejo de um céu pequeno, e me dá muito gosto ler nas Escrituras que na casa de meu Pai há muitas mansões. Que frequentemente escuto que o povo diz: “Ah, estreita é a porta e apertado o caminho, e poucos que são os que acertam com ele. Haverá poucas pessoas no céu; a maioria se perderá.” Meu amigo,

eu não estou de acordo contigo. Acaso você crê que Cristo permitirá que o diabo ganhe dele? Que permitirá que o diabo tenha mais pessoas no inferno das que Ele tenha no céu? Não, isso é impossível. Pois então Satanás se riria de Cristo. Haverá mais pessoas no céu das que haverá entre os que se perdem. Deus disse: “Eis aqui uma grande multidão, da qual ninguém pode contar de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam diante do trono e na presença do Cordeiro;”, mas Ele nunca disse que haverá uma multidão que ninguém pode contar que se perderá. Haverá hostes incontáveis que chegarão ao céu. Que boas notícias para você e para mim! Pois, se existem tantos que serão salvos, por que eu não haveria de ser salvo? Por que também aquele homem que está no meio da multidão, não pode dizer: “não poderia eu mesmo ser um desses da multidão?” E essa pobre mulher que está ali não poderia recobrar ânimo e dizer também: “Bom, se só se salvarão meia dúzia de pessoas, por que eu não haveria de ser salva?” Anime-se, você que está desconsolado! Alegre-se, filho da dor e da aflição, ainda há esperança para você!

Bendizemos a Deus, e lhe damos graças porque não preparará mesas separadas para uns e para outros. O judeu e o gentio se sentarão juntos

Eu não posso crer que alguém esteja mais além do alcance da graça de Deus. Haverá uns quantos que cometeram esse pecado que é para morte e Deus os abandonou; mas a vasta maioria da humanidade está ainda dentro do alcance da misericórdia soberana: “E muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão no reino dos céus”.

Olhem outra vez para meu texto, e vo-

cês verão de onde vêm essas pessoas. Eles “virão do oriente e do ocidente.” Os judeus diziam que todos eles viriam da Palestina, cada um deles, cada homem, cada mulher e cada criança; que não haveria ninguém no céu que não fora judeu. E os fariseus pensavam que se todos eles não eram fariseus, não poderiam ser salvos. Mas Jesus Cristo disse que virão muitos do oriente e do ocidente. Haverá uma multidão daquela terra muito

Que boas notícias para você e para mim! Pois, se existem tantos que serão salvos, por que eu não haveria de ser salvo?

distante, China, pois Deus está fazendo uma obra grandiosa ali, e nós esperamos que o Evangelho seja vitorioso nessa terra. Haverá uma multidão dessa terra ocidental de Inglaterra; e também do país ocidental que está além do mar, de América; e do sul, da Austrália; e do norte, do Canadá, Sibéria e Rússia. Desde os confins da terra virão muitos que se sentarão no reino de Deus.

Mas eu creio que esse texto não deve ser entendido tanto no sentido geográfico somente, tanto como no sentido espiritual. Quando diz que “muitos virão do oriente e do ocidente”, eu penso que não se refere particularmente as nações, mas sim a diferentes tipos de pessoas. Agora, “o oriente e o ocidente” quer dizer aqueles que se encontram mais longe da religião; no entanto, muitos deles serão salvos e chegarão ao céu. Existe uma classe de pessoas que será considerada sempre como desajuizada. Muitas vezes escutei, seja de um homem ou de uma mulher,

um comentário sobre essas pessoas, “ele não pode ser salvo: é demasiadamente desleixado. Para que ele presta? Pedi-lhe que vá a um lugar de adoração: ele estava bêbado na noite de sábado. De que serviria argumentar com ele? Não existe esperança para ele. É um tipo endurecido. Olhe para o que ele fez durante todos esses anos. De que serviria falar com ele?”.

Agora, escutem isso, vocês que pensam que seus companheiros são piores que vocês; que condenam aos outros quando vocês mesmo são tão culpados quanto eles: Jesus Cristo disse: “muitos virão do oriente e do ocidente.” Haverá muitos no céu que uma vez foram bêbados. Eu creio que, em meio dessa multidão comprada com sangue, haverá muitos que se cambalearam entrando e saindo de uma taverna durante a metade de suas vidas. Mas pelo poder da graça divina eles foram capazes de lançar a copa de licor fora. Eles renunciaram ao desenfreno e a intoxicação – fugiram dela – e serviram a Deus. Sim! Haverá muitos no céu que foram bebedores na terra.

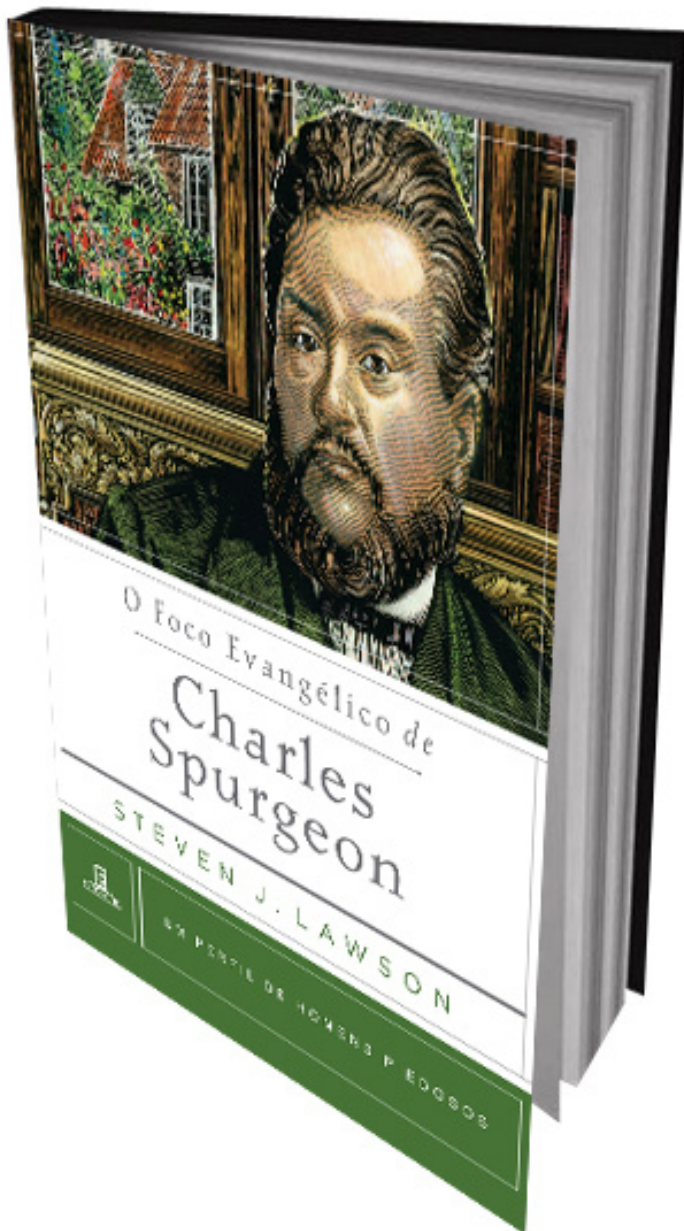
No céu haverá também muitas prostitutas: algumas das mais dissipadas serão achadas ali. Vocês recordam da história de Whitefield que uma vez disse que haverá pessoas no céu que foram “descartadas pelo diabo”; alguns que o diabo dificilmente pensaria que são bons o suficiente para ele, mas que Cristo salvará. Lady Huntingdon sugeriu-lhe uma vez com delicadeza que essa linguagem não era decorosa. Mas justo nesse momento se escutou a campainha e Whitefield desceu as escadas e se dirigiu a porta. Depois subiu e disse: “senhora, o que crê que acaba de me contar uma pobre mulher? Ela era uma triste perdida me disse ‘oh senhor Whitefield, quando você estava pregando nos disse que Cristo receberia os rejeitados do diabo e eu sou um deles.’. E esse foi o instrumento de sua salvação.



C. H. Spurgeon foi um pregador Batista Reformado, nascido em Kelvedon, Essex na Inglaterra. Converteu-se ao cristianismo em 1850, aos quinze anos de idade. Aos dezesseis, pregou seu primeiro sermão; no ano seguinte tornou-se pastor de uma igreja batista em Waterbeach, Condado de Cambridgeshire (Inglaterra).

O FOCO EVANGÉLICO DE CHARLES SPURGEON

(STEVEN LAWSON)



140 Páginas / Formato 14x21
ISBN 978-85-8132-023-6

No Livro “O Foco Evangélico de Charles Spurgeon”, quarto da série Um Perfil de Homens Piedosos, Steven Lawson apresenta ao leitor a vida e o ministério do grande pregador batista do século XIX, conhecido como o “príncipe dos pregadores”, que ensinava ousadamente as doutrinas da graça e, ao mesmo tempo, apresentava a oferta gratuita de salvação em Jesus Cristo. O propósito desta obra e de toda a série é examinar perfis de homens piedosos, como João Calvino, Jonathan Edwards, John Knox e Spurgeon, que utilizaram seus dons espirituais e suas habilidades ministeriais para promover o reino celestial.

[CONFIRA AQUI](#)

COMO SABER SE O QUE CREMOS É VERDADE?

Por Bispo Walter McAlister

Muitas pessoas “sabem” que comer bolo quente dá dor de barriga. Pelo menos foi isso que suas mães sempre lhes ensinaram e, assim, passaram a acreditar nessa afirmação. Estou entre os que aprenderam isso. Só que já ousei comer bolo quente e descobri que aquilo que eu “sabia”... simplesmente não era verdade. Na realidade, bolo quente é maravilhoso e não faz mal algum. O que sei hoje me leva a desconfiar que minha mãe lançava mão desse artifício porque não queria que eu comesse bolo antes que estivesse posto à mesa para que todos o repartissem juntos. Assim, fui ensinado que seria melhor evitar uma dor de barriga abrindo mão dos perigos daquele bolo, cujo aroma enchia a casa e me chamava para tirar um pedaço. Minha mãe não se limitou a me ensinar essa “verdade”. Disse-me que se eu deixasse a tampa da pasta de dentes aberta, baratas viriam e fariam suas necessidades na pastinha que eu certamente colocaria na boca na escovada se-

guinte. Posso garantir que essa imagem me assombrou tanto que nunca, mas nunca na minha vida deixei de tampar o tubo de pasta após a escovação.

Aprendemos coisas ao longo da nossa trajetória que não questionamos. Até que um dia a ficha cai, seja por um raio de intuição súbita, seja por algum fato ou evento que desafia o que sabíamos, levando-nos a questionar todo um paradigma na delicada matriz conhecida como a nossa cosmovisão – aquele conjunto de dogmas, crenças, práticas, perspectivas e atitudes que nos definem e ao mundo como nós o entendemos.

À luz disso, trago um questionamento que me assombra há muitos anos: como posso saber se tudo o que creio ser verdade sobre a Bíblia e a fé é realmente a verdade? É uma pergunta legítima. Claro que é mais comum achar esse questionamento nas conversas de jovens em crise. Parece que o ceticismo e a angústia de entender o mundo fazem parte do seu processo de crescimento – uma cadeia de ritos de passagem entre a ingenui-

dade infanto-juvenil e a convicção que vai se formando em alguém e que caracteriza uma vida adulta plena.

Lamentavelmente, em nossos dias e no mundo midiático esse processo se tornou cada vez mais raro. Deixamos que a mídia dite como pensamos e, como zangões programados, tomamos o nosso lugar na colmeia global – sob o comando da rainha-mãe, a televisão. Acéfalos, pensamos que pensamos, sem reflexão e sem critério além do que nos foi imposto pelo “senso comum” – um caldo de meias-verdades e mentiras, informações triviais e boatos que nos é servido por inúmeros processos, por falácias e sofismas de propaganda. E é de dentro desse caldo epistêmico que, como filhos desta era, tentamos formar uma teologia realmente bíblica. Mas como? É deprimente saber que temos que subir uma ladeira dessas com um motor que já bate pino desde o dia em que saiu da fábrica. Então, como podemos realmente saber se o que “sabemos” sobre a Bíblia é de fato a verdade? Afinal, há tantas interpretações, por mais claras que possam nos parecer. Uma leitura simples e ingênua parece nos apontar para a verdade. Mas há tantas coisas que nos parecem estranhas e anacrônicas nas Escrituras. Recorremos aos eruditos, aos pastores e até aos televangelistas para entendermos. Mas até entre eles há diferenças expressivas e, francamente, desconcertantes. Como então saber a verdade sobre o que creio? Por onde começar essa jornada de aprendizagem e discipulado?

Muitos acham que o caminho que inexoravelmente nos levará à boa interpretação da Bíblia seja científico – o que é algo parcialmente certo. Temos que aprender as línguas originais, precisamos entender os contextos culturais, necessitamos nos aprofundar nos conceitos históricos. Como quem quer entender os mistérios do universo com lentes poderosíssimos, mapas e computadores que varrem os céus, queremos instrumentos que nos garantam uma leitura fidelíssima das Sagradas Letras. Vivemos numa época que ainda deposita fé no método científico. Mas, que método é esse? Cada disciplina de ciência obedece métodos diferentes. Geologia

é uma ciência. Mas o seu “método” é radicalmente diferente da ciência da genética, da medicina ou da física quântica, para não falar nas disciplinas da sociologia ou da psicologia. Cada ciência tem os seus caminhos, seus métodos e seu processo peculiar. Então, para os que querem estudar a Bíblia “cientificamente”, que método nos assegurará êxito na busca pela verdade?

Fundamentos não são uma prisão. São um lar, dentro do qual podemos voltar-nos para o estudo da Sagradas Letras

Francis Bacon (1561-1626 a.D.), considerado o pai da ciência moderna, defendia um método que compreendia juntar todos os dados, as evidências e as informações e, como quem monta um quebra-cabeça, tirar inferências e conclusões apenas com base na observação e no raciocínio. Já René Descartes (1596-1650 a.D.) defendeu que todos partissem de princípios universais, como as “ideias inerentes” de Platão, contra os quais as evidências seriam pesadas e, somente então, seria possível chegar a conclusões.

Há quem siga o modelo baconiano no estudo da Bíblia: ler tudo e depois concluir o que seja verdade, por pura inferência e dedução clara e evidente. Outros já defendem uma disciplina cartesiana, partindo de fundamentos contra os quais todo e qualquer estudo de um livro ou uma passagem bíblica seria analisado e eventualmente interpretado.

Mas o conhecimento da verdade não é tão simples assim. Há certas “regras” bíblicas que informam como podemos chegar até ela. Vejamos algumas das coisas que o próprio Senhor Jesus nos disse a esse respeito.

O ponto de partida epistêmico

A Bíblia é a revelação específica de

Deus, que é espírito. Embora tenha sido escrita por homens, seu conteúdo aponta para realidades que são estranhas para quem não tem um relacionamento com Deus em espírito. A Bíblia fala de alguém que resiste a toda e qualquer definição. Grande parte das nossas afirmações sobre Deus são negativas, ou seja, afirmamos o que Ele não é.

Jesus disse aos judeus em João 8.43: *“Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira. No entanto, vocês não creem em mim, porque lhes digo a verdade! Qual de vocês pode me acusar de algum pecado? Se estou falando a verdade, porque vocês não creem em mim? Aquele que pertence a Deus ouve o que Deus diz. Vocês não o ouvem porque não pertencem a Deus”*.

Quem não pertence a Deus não poderá ver Jesus por quem Ele é. Como a Bíblia toda aponta para Cristo, certamente apenas os que pertencem a Deus, pelo poder do Espírito Santo, poderão ler as Escrituras com compreensão. Conhecimento só vem pelo poder de Deus, no que diz respeito à interpretação das Escrituras Sagradas. Sem a ação do Paráclito, apenas aperfeiçoamos o método de – com um grau de precisão cada vez mais elevado – errar o alvo.

Pedro andou com o rabino nazareno. Ele viu os milagres que todos viram. Ouviu as palavras que todos ouviram. Mas quando Jesus perguntou aos discípulos quem eles criam que ele fosse, Pedro disse: *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”*. Jesus então afirmou que não havia como saber isso, a não ser que o Pai o tivesse revelado. É perfeitamente plausível que alguém leia e estude a Bíblia sem nunca enxergar o Senhor da Bíblia. O Pai tem que revelar quem é Jesus. Os religiosos do dia viram as mesmas coisas, mas o chamaram de mentiroso e endemoninhado. Embora fossem *“mestres da Lei e dos Profetas”*, eram cegos à verdade.

A dúvida que surge a seguir é se todos os que se dizem sacerdotes e teólogos são realmente regenerados pelo poder do Espírito Santo. Para responder essa pergunta temos

que nos voltar para João. Na sua primeira carta ele diz: *“Filhinhos, esta é a última hora e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido. Por isso sabemos que esta é a última hora. Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam per-*

Como a Bíblia toda aponta para Cristo, certamente apenas os que pertencem a Deus, pelo poder do Espírito Santo, poderão ler as Escrituras com compreensão

manecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos.” (1 Jo 1.18) Estes “anticristos” literalmente são líderes da igreja que saem, ensinam, pregam. Mas não são realmente da fé. São o que Paulo chamou “a falsa circuncisão”, ou, nas palavras de João “da sinagoga de Satanás”.

Mas, para os eleitos, Paulo diz em 2 Coríntios 4.6: *“Pois Deus, que disse: ‘Das trevas resplandeça a luz’, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.”*

Cristo é o âmago do conhecimento bíblico e o firme fundamento da Igreja. A verdadeira Igreja é definida por Paulo: *“Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne...”* (Fl 3.3). “Nos gloriamos em Cristo Jesus” faz parte do que define a Igreja. Não há conhecimento das Escrituras sem que vejamos Cristo. Ele é a boa nova. Se não pudermos vê-lo não entenderemos a Bíblia.

Uma compreensão clara da verdade bíblica pressupõe um relacionamento sobrenatural com o Deus da Bíblia. Sem isso, nossa mente fica blindada à verdade. Nosso entendimento fica “embotado”. Como disse Paulo: *“Portanto, visto que temos tal esperança, mostramos muita confiança. Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os isra-*

elitas não contemplassem o resplendor que se desvanecia. Na verdade a mente deles se fechou, pois até hoje o mesmo véu permanece quando é lida a antiga aliança. Não foi retirado, porque é somente em Cristo que ele é removido. De fato, até o dia de hoje, quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações. Mas quando alguém se converte ao Senhor, o véu é retirado. Ora, o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2 Co 12.12-18).

A permanência como processo de estudo

Uma vez regenerados, o nosso entendimento das Escrituras não é automático. Ele ainda precisa ser ampliado. É o que Anselmo disse ao afirmar que todo estudo é a fé em busca de entendimento. Ou o que Pedro falou na sua segunda carta: *“Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. Dessa maneira, ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça. Por isso mesmo, empenhem-se para acrescentar à sua fé a virtude; à virtude o conhecimento; ao conhecimento o domínio próprio; ao domínio próprio a perseverança; à perseverança a piedade; à piedade a fraternidade; e à fraternidade o amor. Porque, se essas qualidades existirem e estiverem crescendo em sua vida, elas impedirão que vocês, no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, sejam inoperantes e improdutivos. Todavia, se alguém não as tem, está cego, só vê o que está perto, esquecendo-se da purificação dos seus antigos pecados” (2 Pe 1.3-9).*

Para que nossa fé seja operante, temos que crescer no conhecimento do Mestre. O estudo é fundamental. Por isso mesmo Paulo admoestou seu filho na fé Timóteo: *“Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja cor-*

retamente a palavra da verdade” (2 Tm 2.15).

Certamente, o estudo sistemático das Escrituras, partindo de um relacionamento com Deus, que é espírito, nos trará para mais perto da verdade.

Só que esse processo também não é apenas fruto de estudo. Temos que “permanecer” em Cristo e nas suas palavras (Jo 8.31,32). Há um sentido claro aqui de meditação e devocionalidade. A análise das Escrituras envolve “estudo”, certamente. Mas compreende permanência, meditação e obediência. Só então conheceremos a verdade que liberta.

Uma compreensão clara da verdade bíblica pressupõe um relacionamento sobrenatural com o Deus da Bíblia

O papel dos fundamentos

Então, estudamos a Bíblia do zero e por conta própria apenas, ou há lugar para fundamentos? A resposta é clara. Voltamos a Paulo e Timóteo: *“Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe, Eunice, e estou convencido de que também habita em você” (2 Tm 1.5).* Timóteo tinha sido criado dentro de uma tradição cristã. Desde pequeno havia fundamentos embutidos na sua criação.

Fundamentos não são uma prisão. São um lar, dentro do qual podemos voltar-nos para o estudo da Sagradas Letras. Ao recorrermos ao antigos, nos submetemos à sabedoria e à ação do Espírito Santo na formulação de uma fé informada e sólida. Aliás, sem os fundamentos não temos capacidade

de maior profundidade no conhecimento da Bíblia. Como disse o autor aos Hebreus: *“Quanto a isso, temos muito que dizer, coisas difíceis de explicar, porque vocês se tornaram lentos para aprender. Embora a esta altura já deveriam ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido! Quem se alimenta de leite ainda é criança, e não tem experiência no ensino da justiça. Mas o alimento sólido é para os adultos, os quais, pelo exercício constante, tornaram-se aptos para discernir tanto o bem quanto o mal”* (Hb 5.11-14)

Certamente, o estudo sistemático das Escrituras, partindo de um relacionamento com Deus, que é espírito, nos trará para mais perto da verdade

O conhecimento respaldado pelo seu “fruto”

Antigamente, era esperado dos mestres da Igreja que fossem não somente letrados, mas homens de uma profunda devoção a Deus. Eram conhecidos como “veneráveis”. Seu ensinamento era sempre fruto de estudo e oração. O resultado desse estudo era óbvio pelo fruto que produziam. Assim como, inversamente, o falso mestre era identificado pelo seu mau procedimento. Comparemos então estas duas passagens:

Partindo eu para a Macedônia, roguei-lhe que permanecesse em Éfeso para ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas, e que deixem de dar atenção a mitos e genealogias intermináveis, que causam controvérsias em

vez de promoverem a obra de Deus, que é pela fé. O objetivo desta instrução é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera. Alguns se desviaram dessas coisas, voltando-se para discussões inúteis, querendo ser mestres da lei, quando não compreendem nem o que dizem nem as coisas acerca das quais fazem afirmações tão categóricas. (1 Tm 1.3-7)

No passado surgiram falsos profetas no meio do povo, como também surgirão entre vocês falsos mestres. Estes introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. Muitos seguirão os caminhos vergonhosos desses homens e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade. Em sua cobiça, tais mestres os explorarão com histórias que inventaram. Há muito tempo a sua condenação paira sobre eles, e a sua destruição não tarda. Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno, prendendo-os em abismos tenebrosos a fim de serem reservados para o juízo. Ele não poupou o mundo antigo quando trouxe o Dilúvio sobre aquele povo ímpio, mas preservou Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas. Também condenou as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas, tornando-as exemplo do que acontecerá aos ímpios; mas livrou Ló, homem justo, que se afligia com o procedimento libertino dos que não tinham princípios morais (pois, vivendo entre eles, todos os dias aquele justo se atormentava em sua alma justa por causa das maldades que via e ouvia). Vemos, portanto, que o Senhor sabe livrar os piedosos da provação e manter em castigo os ímpios para o dia do juízo, especialmente os que seguem os desejos impuros da carne e desprezam a autoridade. Insolentes e arrogantes, tais homens não têm medo de difamar os seres celestiais; contudo, nem os anjos, embora sendo maiores em força e poder, fazem acusações injuriosas contra aqueles seres na presença do Senhor. Mas eles difamam o que desconhecem e são como criaturas irracionais, guiadas pelo instinto, nascidas para serem capturadas e destruídas; serão corrompidos pela sua própria corrupção! Eles receberão retribuição pela injustiça que causaram. Consideram prazer entregar-se à devassidão em plena luz do dia. São nódoas e manchas, regalando-se em seus prazeres, quando participam das festas de vocês. Tendo os olhos cheios

de adultério, nunca param de pecar, iludem os instáveis e têm o coração exercitado na ganância. Malditos! Eles abandonaram o caminho reto e se desviaram, seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o salário da injustiça, mas em sua transgressão foi repreendido por uma jumenta, um animal mudo, que falou com voz humana e refreou a insensatez do profeta. Esses homens são fontes sem água e névoas impelidas pela tempestade. A escuridão das trevas lhes está reservada, pois eles, com palavras de vaidosa arrogância e provocando os desejos libertinos da carne, seduzem os que estão quase conseguindo fugir daqueles que vivem no erro. Prometendo-lhes liberdade, eles mesmos são escravos da corrupção, pois o homem é escravo daquilo que o domina. Se, tendo escapado das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, encontram-se novamente nelas enredados e por elas dominados, estão em pior estado do que no princípio. Teria sido melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido. Confirma-se neles que é verdadeiro o provérbio: “O cão volta ao seu vômito” e ainda: “A porca lavada volta a revolver-se na lama.” (2 Pe 2.1-22)

Resumindo

Como saberei se o que creio é ou não a verdade? Ao estudar as Escrituras Sagradas com esmero e com excelência, tenho que lembrar que não há como separar a verdade da devocionalidade. Tenho que permanecer em Cristo e nas suas palavras. Tenho que fazer delas a minha meditação. Tenho que trazê-las para uma vivência física e diária. Enfim, tenho que manter um relacionamento pessoal e profundo com o Senhor das Escrituras.

Mas é também necessário que eu bus-

que bons mestres. Os verdadeiros veneráveis de hoje e de outras épocas, durante as quais o Espírito Santo continuou a inspirá-los e capacitá-los na boa interpretação das Sagradas Letras.

Finalmente, tenho que lembrar que a boa compreensão da Palavra de Deus me leva a ter um relacionamento mais próximo com o Mestre. Quanto mais perto da verdade, menos contencioso serei, menos dado a controvérsias e disputas. Quanto mais próximo da verdade mais pacífico serei. Afinal, como Tiago já disse:

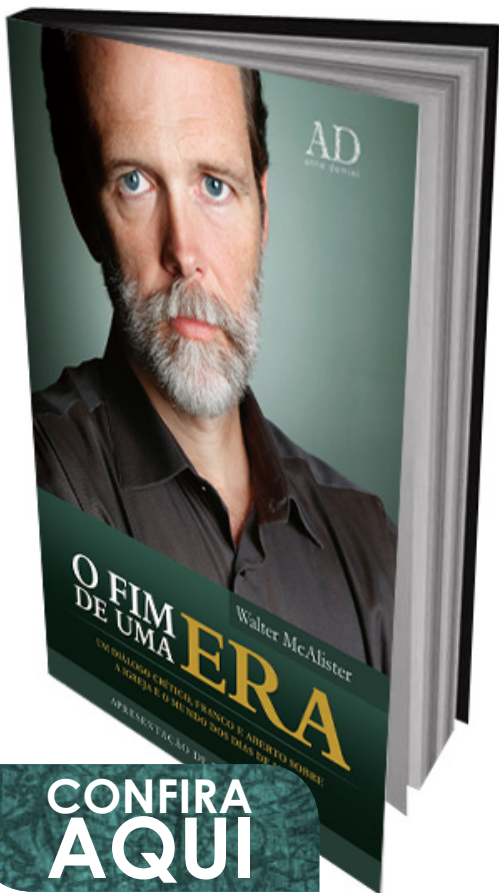
“Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus. Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece, e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los. Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer. Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum! A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo” (Tg 1.19-27)

A verdade, assim, não é algo que me dá razão, nem tampouco a vantagem num debate esquentado. A verdade é algo que eu pratico. Mais do que isso: a verdade é algo que muda quem eu sou.



Walter Mcalister é Bispo Primaz da Aliança das Igrejas Cristãs Nova Vida. Fundador e Presidente do IBRMEC. Lauzanne Movement 2010 (Capetown), Autor dos livros: O Fim de Uma Era, O Pai Nosso, A Coleção Café Espiritual.

<http://www.waltermcusercontent.com.br>



CONFIRA
AQUI



O Fim de uma Era Walter McAlister

“É, raro neste novo século encontrar avaliações equilibradas, abrangentes e saudáveis como o leitor encontrará neste livro (...) Bispo McAlister reuniu muitas críticas valiosas dirigidas à Igreja brasileira e exortações que precisavam ser ditas e discutidas. (...) quero comprar pelo menos dez exemplares para passar para meus amigos pastores e líderes. Acredito que eles vão reconhecer a sabedoria e o equilíbrio do autor, mesmo quando de uma ou outra posição que ele deseja estabelecer.”

Russell Shedd

LANÇAMENTO

“É altamente possível que a Igreja como nós a conhecemos hoje esteja prestes a desaparecer. Porque, quando a coisa apertar, e vai apertar, quanto mais difícil for a situação, mais as pessoas vão abandonar as soluções imediatistas para procurar as verdadeiras. E, se a igreja não as apresentar, pode definhando rapidamente, como já aconteceu na Europa e está ocorrendo nos Estados Unidos (...) Estamos no fim de uma era. A Igreja está definhando, se não no seu tamanho, certamente no seu testemunho. Nunca houve tantos que proclamaram a luz de Deus e que, paradoxalmente, viveram como filho das trevas (...). Será que o que estamos fazendo é certo? Será que o que acreditamos ser certo é certo? Ou será que perdemos o bonde? Para que viver na crista da onda se a onda está indo na direção errada? Tenhamos a coragem de nadar contra correnteza (...) Minha oração é que a Igreja, depois da sua falência e a falência desta era em que vivemos, ressurgir forte como um testemunho da luz e da verdade.”

Walter McAlister



Beleza: Uma obra Divina

Por Francine Veríssimo

O Espírito de Deus me fez; e a inspiração do Todo-Poderoso me deu vida. Jó 33:4

Deus me criou, cada detalhe. Ele pensou em como seria meu cabelo, meus olhos, meu nariz, minhas pernas. Ele me planejou, e escreveu todos os meus dias. Eu acho assombrosamente maravilhoso pensar nisso. Pensar na eleição incondicional de Deus também me assombra. São coisas que vão além dos nossos pequenos pensamentos.

Entretanto, durante esses vários dias me senti compelida a pensar mais sobre essa questão da aparência, de como eu pareço aos outros. É interessante perceber que, na maioria das vezes, nos olhamos com olhos críticos. É difícil alguém que olha pra si mesmo e pensa “poxa, gosto do que vejo”. Eu não sei porque temos essa tendência. E consigo entender menos ainda porque os salvos têm essa tendência também.

O que é beleza?

A questão da beleza sempre foi bastante interessante pra mim, a começar pelo próprio conceito de beleza. Porque, na minha opinião, beleza é uma coisa extremamente relativa. O que eu considero bonito, você pode não considerar. Sou do time que acredita que “a beleza está nos olhos de quem vê”.

Deve-se notar que Deus, que criou a raça humana de Adão e Eva, os criou, e fez isso muito bem, como declara: *E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Gênesis 1:27, e depois da criação completada, ele declara: E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom (Gênesis 1:31)*

Com a Queda e o pecado adentrando por meio de Adão, nossos padrões de beleza

foram claramente prejudicados pelo efeito do pecado e pela capacidade dele de afetar nossa percepção de beleza aos olhos e padrões de Deus. Tanto que o Senhor mostra e revela pela Palavra seus verdadeiros padrões de beleza; porém, aos nossos olhos, fisicamente, a beleza não segue um padrão, sendo assim relativa a cada um e pelo nível de percepção de cada um – mesmo que a graça comum de Deus contribua para modelar esse padrão.

Então, se a beleza é relativa, porque queremos seguir os padrões que foram impostos pelas revistas de beleza, pelos modelos, pelo mundo? Ser loira, alta, dos olhos claros é o bonito pra TODO MUNDO? Será mesmo? É claro que uma parte das pessoas gosta dos loiros, mas e as outras? O que seria do negro se todos gostassem dos loiros? E o que seria dos olhos verdes se todos gostassem dos castanhos? A verdade é que, não é se tornando uma pessoa que se mistura na massa de gente querendo ser 'igual' que sua beleza será destacada. Pelo contrário. Eu, por exemplo, acho o diferente bonito. O diferente se destaca. Você já parou pra pensar que a diversidade de aparência que vemos no mundo é obra da criatividade de Deus? Se Deus te planejou morena dos olhos verdes, seja feliz assim! Se ele fez seus cabelos loiros e você alta seja feliz assim também! Se você é negra dos cabelos cacheados, seja feliz assim! Porque foi o nosso Deus, nosso Pai, que nos planejou. Cada detalhezinho. Porque nós iríamos reclamar?

Qual a verdadeira beleza?

Eu sei, eu sei. Essa história de que o que conta é a beleza interior já tá ficando velha e clichê. Mas, sinceramente, eu acho que os clichês são frases que constatarem verdades tão verdadeiras que todo mundo resolve repetir. Aí vira clichê. Mas, elas são verdades, você querendo ou não. Portanto, sim, o que importa é o que está dentro. E a própria Bíblia nos diz isso, em Provérbios, “o coração alegre aformoseia o rosto...”, ou seja, é a alegria interior que transborda para fora, e se transforma em beleza exterior. E qual a verdadeira alegria, senão a paz que há na salvação

pelo sangue de Cristo? Pense bem, os salvos têm a maior alegria que já existiu: JESUS! E se nós temos essa paz, paz tal que nos alegra em meio à tristeza – coisa que o mundo não consegue nem pode entender – então somos automaticamente as pessoas mais belas que existem!

Em segundo lugar, a verdadeira beleza aos olhos de Deus é a de dentro, do coração. Como bem diz o Bispo J.C.Ryle:

*Quando o coração está errado, tudo está errado aos olhos de Deus. Muitas coisas certas podem ser feitas. As formas e ordenanças que o próprio Deus nomeou podem parecer que estão sendo honradas. Mas enquanto o coração estiver em culpa, Deus não está satisfeito. Ele terá o coração do homem ou nada.*¹

O coração de um servo e uma serva que crêem em Cristo como Ele manda por Sua Palavra, que fazem aquilo que Ele manda, que O amam acima de todas as coisas, que dedicam suas vidas a Ele, são de fato retos e formosos. Deus disse que vã, vazia, oca, inútil, fútil é a formosura valorizada em si mesma, e que a mulher que realmente será louvada é aquela que teme ao Senhor. A formosura é VÃ quando não é combinada a um espírito manso e calmo. Esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus. (I Pedro.3.4)

É claro que algumas coisas precisam ser consideradas aqui. Em nenhuma parte da Bíblia diz que é errado as mulheres se arremarem, se vestirem bem. Pelo contrário, a esposa de Salomão em Cantares e a mulher de Provérbios 31 se vestiam muito bem. O errado é se vestir bem com os propósitos errados. A mulher que ama ao Senhor se veste bem, sim, porque os homens vêem o exterior, mas seu espírito também está adornado com aquilo que o Senhor aprecia: a submissão a Ele, a mansidão e a tranquilidade. Ela não se veste com a intenção de se exaltar. E mais importante ainda, ela não se veste, jamais, com a intenção impura de fazer alguém pe-

1 - Sermão “Você é um cristão formalista ou de coração?” de J.C.Ryle

car, com decotes, transparências, e etc etc etc. Não vou entrar aqui em especificidades e dizer que é errado usar a peça de roupa X ou Y. Basta dizer que as mulheres que amam ao Senhor, se vestem com prudência.

A verdadeira beleza é demonstrada no exterior através de expressões felizes de uma mulher e um homem que verdadeiramente amam a Deus e o conhecem. E essa verdadeira beleza vem de Cristo como sua fonte; Spurgeon aplicando a expressão de Salomão em Cantares 4:7 bem diz sobre a Igreja:

*A admiração do Senhor por Sua Igreja é realmente maravilhosa, e Sua descrição de sua beleza é ardente. Ela não é simplesmente formosa, mas “toda formosa”. Ele a vê em Si mesmo, lavada em Seu sangue expiatório e revestida com Sua Justiça meritória, e a considera cheia de graça e de beleza. Não é de se estranhar que seja assim, uma vez que é a Sua própria e perfeita excelência que Ele admira; pois a santidade, a glória e a perfeição de Sua Igreja são Suas próprias vestes gloriosas revestindo Sua bem-amada.*²

E em outra devocional, é ainda mais claro: *Luz é também a causa da beleza. Nada da beleza fica quando a luz se vai. Sem luz nenhum brilho refulge da safira, nenhum sereno fulgor procede da pérola; assim, toda a beleza dos santos acima provém de Jesus.*³

Aprendendo a se amar – os perigos

Existem alguns perigos também nessa questão. Não estou negando aqui o fato de que somos pecadores e que tudo que vem de nós é ruim, e que as boas coisas que fazemos

são dádivas de Deus. Mas, quando eu digo no título que precisamos aprender a amar a nós mesmos, quero dizer que devemos nos aceitar como somos. Com os cabelos, olhos, nariz, boca, etc. que Deus nos deu. É parar de reclamar da forma como fomos criados. É aprender a reconhecer em mim – e no outro, posteriormente – a beleza que vem de dentro, os dons, as qualidades, os traços da bondade de Deus na vida. É se amar por saber que o Senhor nos amou. É reconhecer que somos pecadores, mas que fomos perdoados pelo sangue de Cristo, os méritos e a intercessão dele junto ao Pai. Que caímos, mas que Ele nos ajuda a levantar. É se esforçar TODO DIA por melhorar pelo poder do Espírito Santo. É reconhecer que cada novo dia é uma nova chance de se tornar mais bonito a quem realmente importa: nosso Deus, e onde realmente importa: do lado de dentro.

Conclusão

Pra você que se sente desprezada – ou desprezado – por causa de sua aparência, saiba que o Senhor teu Deus não te deixa, não te despreza, e nunca te abandonará. Ele te vê lindo, porque foi Ele quem te fez. Deixe que o mundo diga o que quiser, pra nós, a única opinião que realmente importa é a do nosso Senhor. E saiba que existem pessoas que te acham lindo por ser exatamente como você é. Sem tirar nem por. E se você me perguntar, eu te acho lindo, porque foi meu Deus quem te formou.

Deus nos ajude a amarmos os outros como amamos a nós mesmos, e a amarmos a Ele acima de todas as coisas.

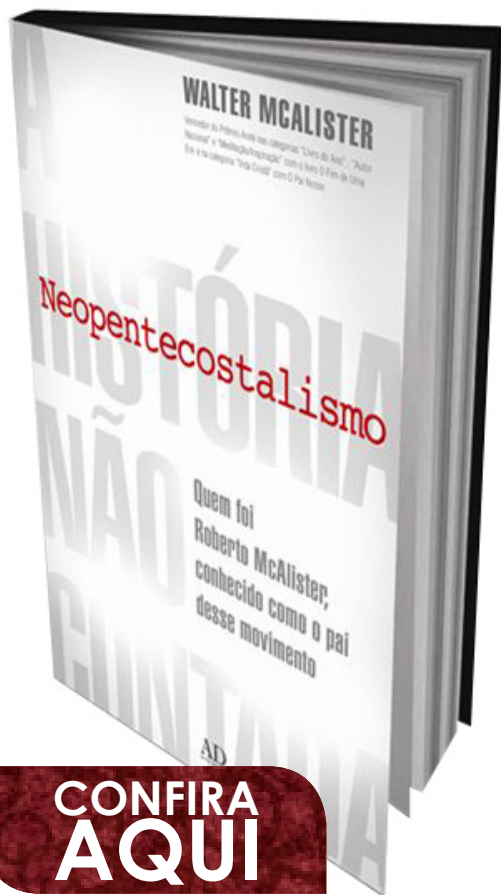
2 - FONTE: http://www.monergismo.com/textos/chspurgeon/spurgeon_02dez_mat.htm

3 - FONTE: http://www.luz.eti.br/spdev-n27_apoc21-23bpt.html



Francine Veríssimo é cristã, congrega na Igreja Batista Maranata de Ribeirão Preto e é blogueira no “Verdade, Fé e Amor”

<http://truthfaithlove.com/>



**CONFIRA
AQUI**



Neopentecostalismo

A História não Contada

Walter McAlister

“O uso mais comum do termo neopentecostal associa esse movimento a um determinado tipo de igreja que adota práticas apócrifas em seus cultos, realiza exorcismos com transmissão pela TV como forma de se promover, lança mão de métodos mágicos incorporados de outras religiões, promove um sincretismo claríssimo em suas reuniões, usa meios duvidosos para arrecadar dinheiro, prega a Teologia da Prosperidade e segue uma linha doutrinária que Bispo Roberto classificaria de antibíblica.”

Walter McAlister

LANÇAMENTO

“Este livro traz uma contribuição significativa não só à história da Igreja Cristã Nova Vida, mas também a todos aqueles que estudam de uma maneira séria o protestantismo no Brasil, em especial a origem do pentecostalismo. Com toda certeza as novas gerações do pentecostalismo brasileiro terão que obrigatoriamente passar pela vida e pelo ministério do Bispo Roberto se desejarem conhecer não só sua própria história como a dos seus pioneiros.”

Ricardo Bitun - Teólogo, cientista social, Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Ciências Sociais, Pastor da Igreja Evangélica Manaim.

“Não tenho conhecimento de nenhuma outra obra que conte a história de um líder e de uma denominação com tanto espírito crítico como esta. (...) Permita Deus que o livro de Walter McAlister abra os olhos de muitos brasileiros para graves distorções, a bem do Evangelho. (...) É um livro indicado para quem quer ficar mais por dentro do movimento neopentecostal, principalmente da história das três primeiras denominações que provavelmente inauguraram a chamada terceira onda do pentecostalismo brasileiro.”

Elben M. Lenz César - Diretor da revista Ultimato.



A SANTIFICAÇÃO SACRIFICADA NO ALTAR DA “MISSÃO”

Por Josemar Bessa

A igreja existe para o mundo? A missão é tudo que há? Há uma estranha visão de igreja em nossos dias que diz: A igreja não está aqui para você que é o ovelha, a igreja está aqui por causa do mundo!”

Quando o crescimento, quando atrair pessoas vira o alvo da razão de ser da igreja... fatalmente o terrível erro de sacrificar a santificação no altar da missão será uma realidade inexorável. Ao se tornar obcecados em conseguir pessoas, negligenciamos o rebanho de Deus, ou apenas o treinamos para conseguir mais pessoas.

E este não é um problema isolado na ideia geral dos “plantadores de igreja” de nossos dias, apesar, é óbvio, não ser um objetivo declarado a ideia de que a santificação esteja sendo sacrificada no altar da missão e que a acomodação ao mundo, a cultura... seja o que de fato é o carro-chefe em atrair o mundo para a “igreja”. Santificação certamente não é a prioridade corrente...

Agora, se imaginamos e edificamos uma “igreja” que não é para os crentes, não estamos plantando uma igreja. Pode ser algo impressionante, com crescimento exponencial, uma fábrica de atrair gente, mas não é uma igreja. Uma igreja que não existe para os crentes não é uma igreja.

A igreja existe para os crentes, porque a igreja é o contexto primário para o uso dos dons espirituais para a edificação mútua: “Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; Se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; Ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.” - Romanos 12:4-8 - “Cada um ad-

ministre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá; para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e poder para todo o sempre. Amém.” - 1 Pedro 4:10-11

Se a missão e o sucesso nela é o foco central, irá haver crescimento, mas de fato, ele é irrelevante

A igreja existe para os crentes, porque os homens que de fato foram regenerados, estão sob a responsabilidade dela para crescerem em semelhança a Cristo através da Verdade, e não para ser um vírus que simplesmente se multiplica e se multiplica. “Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.” - Mateus 28:20

Grande parte das instruções de Paulo para a igreja não falam nada sobre crescer, e crescer, e crescer... mas apontam para o objetivo centrado na conformação com a mente de Deus. Não em se tornar como o mundo, mas em ter uma mente que é completamente oposta a mente do mundo: “E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” - Romanos 12:2 – Este é um propósito básico da igreja para com aqueles que foram regenerados pela ação soberana do Espírito. E ele exige profundo compromisso no relaciona-

mento com outros salvos para o propósito do desenvolvimento da salvação comum.

Um evangelho que não conduz ao auto-exame regular (pois é óbvio que isso não pode estar no centro de uma igreja que é para o mundo e não para os redimidos), reorientará as pessoas para um evangelho-social. Ou seja, o “evangelho” tem se transformado em algo para “exibir”, em vez de ser uma boa notícia para homens mortos em delitos e pecados, filhos da ira... que por Cristo são reconciliados com Deus apesar de sua total indignidade, sendo por isso, uma manifestação da graça e misericórdia soberana de Deus... não sendo mais uma boa notícia de que esses redimidos estão sendo progressivamente transformados através da mortificação do pecado. É uma mudança sutil, mais real – pois a ênfase está no que podemos “exibir” ao mundo. Somos bons, somos legais... o propósito do evangelho não está centralizado naquilo que o mundo acha ser “humanitário”, naquilo que o mundo pensa ser a necessidade do homem, já que o mundo não busca Deus e não tem nenhum interesse em suas reivindicações.

Pastores não irão dar conta do mundo a Deus, mas não de dar conta das almas que estão sob o seu cuidado, o rebanho de Deus

É fato que o poder do evangelho não se restringe a justificação, e que a justificação possibilita a completa transformação para nos tornarmos completos em Cristo, em santificação progressiva, sem a qual ninguém verá a Deus: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” - Hebreus 12:14 – Ou seja, queremos

que a pessoas examinem-se como igreja para verem se estão de fato na fé, já que muitas coisas enfatizados como essenciais hoje na igreja, podem plenamente, por não estarem centralizadas no cerne do evangelho, serem vividas por pessoas que não tem o Espírito de Cristo. Um evangelho em que o homem pode viver por si mesmo com nasceu em Adão. Fazendo isso, não estamos ajudando as pessoas a garantir que elas verão o Senhor, mas simplesmente crentes num evangelho-social.

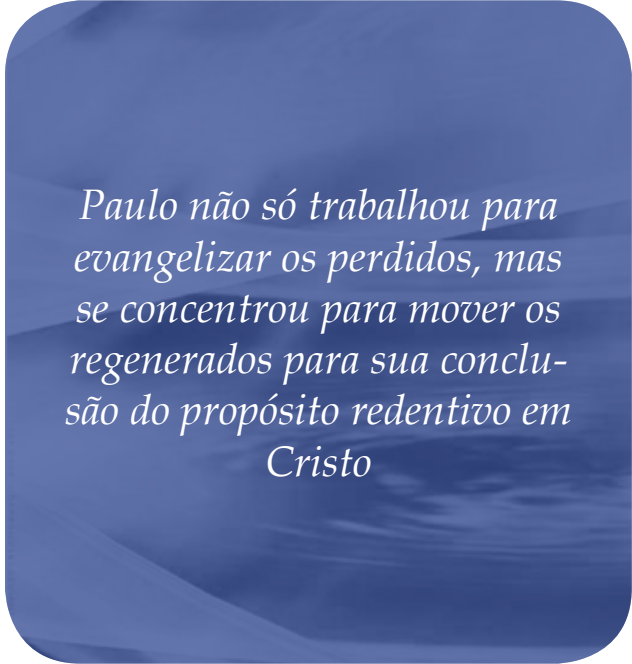
O foco do “tudo sobre missão” - ao pensar nas categorias do mundo, e como trazer o mundo... não pode estar focado na maturidade dos santos - a igreja nem existe para eles, mas para o mundo. Almas nascem de novo e crescem. Ovelhas precisam de pastores para crescer na se semelhança com Cristo (não para a ideia de sucesso que as vê como máquinas multiplicadoras) e não somente de pessoas que abrem a porta para elas entrarem aos montes.

O propósito é equipar os santos para que eles “não sejam mais jogados para todo lado pelas ondas do mar e levados ao redor por todo vento de doutrina” - com o propósito que eles “cresçam em todos os aspectos nele, que é a cabeça” - “Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor.” - Efésios 4:14-16

Paulo não só trabalhou para evangelizar os perdidos, mas se concentrou para mover os regenerados para sua conclusão do propósito redentivo em Cristo: “Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória; A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; E para isto também

trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente” - Colossenses 1:27-29 - A igreja apresenta o evangelho em todos os seus termos e deseja o cumprimento nos santos dos propósitos pelos quais o homem é salvo. Pois a igreja não é sinônimo de “cruzada-evangelística”, mas na missiolatria é, mesmo quando negado.

Se a missão e o sucesso nela é o foco central, irá haver crescimento, mas de fato, ele é irrelevante. A falta de ênfase na santificação (pois essa certamente não é uma boa estratégia “missional”) - está produzindo uma imatura ênfase na liberdade cultural, o que torna todo “sucesso” em algo bobo e irrelevante, já que a cultura molda a “igreja” e não a igreja muda a cultura. Os ídolos do coração e da cultura não podem ser combatidos e mortos, mas acabam apenas “cristianizados”.



Paulo não só trabalhou para evangelizar os perdidos, mas se concentrou para mover os regenerados para sua conclusão do propósito redentivo em Cristo

A vida e missão mais eficaz não é elaborar culturalmente a mais “relevante” técnica de extensão, mas sim quando os que agora são igreja, de fato tenham sido transformados em luz e sal - esses se tornam relevantes para o mundo. É a santificação que transforma um povo (pois isso é ser luz e sal) e os equipa melhor para evangelização e não a metodologia cultural para atrair o mundo. Pois o mundo não necessita de estratégias culturais interessantes, mais de luz para

suas trevas, e sal para sua podridão. Sem isso, tudo que chamamos conversão é mera superficialidade – o mundo inteiro estará exatamente como sempre foi, mas se dirá “convertido”.

As cartas de Paulo a Timóteo (um jovem pastor) – descrevem a vontade de Deus para o ministério. Certamente Paulo aponta a Timóteo em direção a proclamação do evangelho ao mundo, a missão (1 Tm 2.1-8) – “Mas tu, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.” - 2 Timóteo 4:5 – mas a maior parte do encargo pastoral indicado por ele a Timóteo é: Defender a sã doutrina – (1 Timóteo 1:3-5 , 18-19 ; 4 :1-6). Formar líderes que façam o mesmo - (1 Timóteo 3:1-13 , 5:17-22 , 2 Timóteo 2:2).

A devoção rigorosa à santidade pessoal e a resistência numa sociedade e cultura consagrada a mentira e ao engano do pecado - (1 Timóteo 1:18-19 , 4: 6-12 , 15-16 , 6:11-16 , 2 Timóteo 1:06 , 2:01 , 3-13 , 20-22 , 04:05).

O cuidado com o rebanho de Deus - (1 Tm 5:1-16). Um trabalho árduo em ensinar fielmente a Verdade tão ofensiva ao homem natural (1 Tm 4:11 , 13-14 , 2 Tm 2:15 , 24-26 , 4:1-2).

Equipando a igreja para a maratona de resistência na vida centrada em Deus e na Verdade, que não é negociável para a igreja.

Pastores não irão dar conta do mundo a Deus, mas hão de dar conta das almas que estão sob o seu cuidado, o rebanho de Deus: “Obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil.” - Hebreus 13:17 – O rebanho é a prioridade de um pastor.

Muito do “fervor missional” está fixado no mesmo DNA de Charles Finney e no pragmatismo reinante no coração natural.

Por isso ele está disposto a sacrificar coisas centrais no altar da “missão” – Um zelo por mais pessoas que é fruto de um orgulhoso e indomável desejo de ser um sucesso, da admiração dos outros e da auto-admiração pelos bancos cada vez mais cheios. Esse “zelo” na verdade muitas vezes é apenas uma capa que encobre a missiolatria: a adoração de mais e mais, de números crescendo... uma maneira secreta de auto-afirmação. Mas o que devia ser nossa afirmação é a obra completa de Cristo. Ele é o centro, ele deve ser o objetivo da vida, da igreja, do ministério...

A vida e missão mais eficaz não é elaborar culturalmente a mais “relevante” técnica de extensão, mas sim quando os que agora são igreja, de fato tenham sido transformados em luz e sal

“Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo.” - 2 Coríntios 4:4-6.



Josemar Bessa é pastor na Igreja Congregacional em Jardim da Luz, Rio de Janeiro, e mantém o blog Josemar Bessa e Spurgeon Tv.

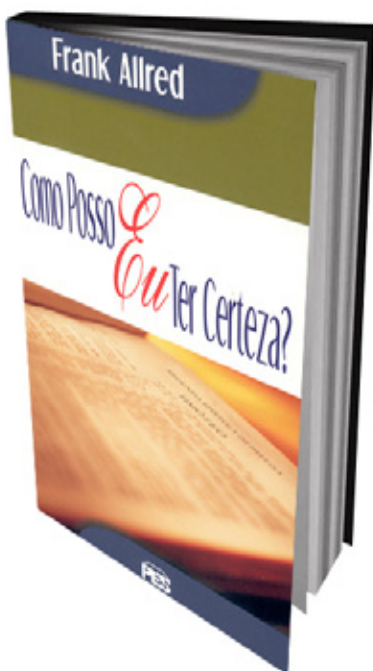
<http://www.josemarbessa.com> | <http://www.spurgeon.tv>



IGREJA ANGLICANA REFORMADA

WWW.IGREJAANGLICANA.COM.BR

COMO POSSO EU TER CERTEZA? - FRANK ALLRED



O autor nasceu no centro industrial do sul de Lancashire (Inglaterra) em 1923. Criado numa família não-conformista, ele se tornou cristão aos 16 anos. Após cinco anos de serviço militar na Europa e no Oriente Médio, ele ingressou numa grande organização joalheira e gerenciou filiais nas cidades de Hull, Southport, Manchester e Liverpool. Com a idade de 41 anos, após estudar em Tyndale Hall, Bristol, ele foi consagrado ao ministério da Igreja da Inglaterra e serviu em paróquias de níveis sociais muito diversos em Lancashire, Merseyside, Essex e Yorkshire. Junto com sua esposa, Sheila, agora está aposentado. Ele tem 3 filhos e 6 netos. Sua vasta experiência, especialmente no cuidado pastoral e aconselhamento cristão, o tem levado à conclusão de que uma das causas principais da insegurança sentida por muitos cristãos de hoje é o escasso conhecimento da Palavra de Deus. Ele escreve de maneira cativante sobre a necessidade de voltar à Bíblia e dar orientação prática àqueles que afirmam crer nela, como também sobre ter certeza da fé.

CONFIRA AQUI

WWW.EDITORAPES.COM.BR

Fugindo da Grande Comissão

Por Sara de Cerqueira

Na primeira vez que visitei a Igreja Presbiteriana de Ipanema-Leblon, no Rio de Janeiro, uma das coisas que me chamou logo a atenção foi o envelope das ofertas, que vinha com a seguinte mensagem:

Se durante a semana que passou, eu:

- Não falei de Jesus pelo facebook
- Não falei de Jesus pelo twitter
- Não falei de Jesus por e-mail
- Não falei de Jesus pessoalmente
- Não falei de Jesus por carta
- Não falei de Jesus distribuindo o boletim da Igreja
- Não falei de Jesus doando uma Bíblia
- Não falei de Jesus entregando um folheto com uma porção do Evangelho
- Não falei de Jesus em uma conversa formal

Então está na HORA de rever MEU envolvimento com DEUS e parar de espe-

rar que os OUTROS façam a MINHA igreja crescer.

Quando cheguei ao Rio, o Espírito Santo já vinha trabalhando em mim, através das traduções dos textos do bispo J.C. Ryle e de algumas pessoas conhecidas minhas, mas esse pedacinho de papel também foi usado por Deus na minha vida, para que eu fosse percebendo, aos poucos, como estava levando o evangelho de Cristo.

Minha conta no Facebook era um antro de inutilidade e futilidade. Cada domingo que passava e lia esse texto, eu fazia uma recapitulação da minha semana e sobre o que vinha postando nas redes sociais. Isso foi um dos motivos que me fizeram apagar minha conta antiga e refazer outra, novinha em folha.

Falar de Deus nem sempre é fácil. Eu, pelo menos, sempre tive uma dificuldade enorme para a evangelização e sempre achava que ficar escrevendo sobre Deus era uma invasão à vida alheia. Mas, ora, se as pessoas fazem apelos ateístas, colocam fotos de

animais esquartejados, de crianças sofrendo e chegam a cometer o insulto de citar Paulo Coelho, por que, então, eu não posso falar do amor mais puro e genuíno, que é o amor de Deus?

Pegando emprestado o estilo “Ryleano”, resolvi dividir esse texto em dois tópicos.

- I. Pregar o evangelho é uma ordenança bíblica.
- II. A pregação deve ser feita com amor e paciência.

I. Pregar o evangelho é uma ORDENANÇA BÍBLICA.

Por mais que saibamos que a evangelização é uma ordenança bíblica, dificilmente vivemos essa realidade com firmeza.

“Muitos de nós temos receio de falar sobre a Palavra, por temermos represálias ou por não quisermos perder uma amizade, mas isso não é motivo para não pregarmos o evangelho”

Uma das maiores frustrações que tive esse ano, foi quando um amigo meu chegou pra mim e perguntou se eu havia me convertido. Claro que por um lado fiquei feliz, porque isso significava que ele havia visto uma diferença no meu modo de agir e na minha forma de escrever no Facebook.

Entretanto, saber que eu tinha convivido com esse rapaz durante os três anos do ensino médio e ele nunca ter tomado conhecimento de que eu já era cristã há muito tempo, fez com que eu me envergonhasse enormemente.

Estamos tão acostumados a um evan-

gelho light, de paz&amor, que não levamos a sério o que Deus nos ordena, na Grande Comissão, em Mateus 28: 18-20,

“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que eu vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”.

Infelizmente, muitos de nós temos receio de falar sobre a Palavra, por temermos represálias ou por não quisermos perder uma amizade, mas isso não é motivo para não pregarmos o evangelho, pelo contrário, é motivo para nos envergonharmos de nossa fraqueza e um ótimo momento para pedirmos forças a Deus, para que Ele nos ajude a cumprir tudo o que foi ordenado por Ele, custe o que custar, até mesmo nossa vida na terra.

O grande problema é que olhamos muito para as coisas terrenas e esquecemos nossas regalias no céu. Esquecemos-nos do maravilhoso consolo que temos em Cristo, ao sofrermos qualquer tipo de retaliação em Seu nome:

“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós”. Mt 5: 11,12

Toda ferramenta deve ser usada por nós para expressar o amor de Deus às pessoas e o quanto Ele anseia por salvá-las. Nós, como cristãos, temos que falar desse amor e das consequências acarretadas caso a pessoa negue a Cristo.

Se tem uma coisa que eu tenho pavor, é essa filosofia do Deus é amor, como se Ele fosse só isso e nada mais. Sim, ele é amor, mas Deus também é justiça e Ele nos cobrará por todos os nossos atos na terra. Se alguma alma deixou de se converter porque você não falou de Cristo a ela ou porque suas atitudes eram completamente contrárias ao que você pregava, saiba que a alma dessa pessoa,

que estará queimando no inferno, e o sangue dela, estarão em suas mãos e você prestará contas com Deus por isso.

Não queira ser motivo para a desgraça de alguém, que morrerá e queimará no inferno, por você não ter obedecido ao mandamento bíblico. Faça questão de ser um instrumento usado por Deus para a evangelização de seus eleitos, pregando o evangelho, a fim de que possam ouvir, entender e converter-se ao único caminho para a felicidade plena, Jesus Cristo.

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” I Tm 4: 14-16

Da próxima vez que você se amedrontar em falar do amor do nosso Deus às pessoas; que você não quiser falar do Filho de Deus, que morreu por mim e por você, eleitos, para que tivéssemos a vida eterna; que você for um ingrato hipócrita para com o amor superabundante de Deus por você, lembre-se que suas atitudes terão consequências não apenas na sua vida, mas na das pessoas que perderam a oportunidade de ouvi-lo falando de um amor que não encontramos em pessoa alguma e muito menos em bens materiais.

“mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano, o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” I Co 2:9

Ame a Deus, ame a Palavra, ame as ordenanças bíblicas e, por amá-los, pregue o evangelho a toda criatura. Faça questão de ser um instrumento usado por Deus em Sua obra grandiosa. Não há nada na terra que se compare à vida que teremos na eternidade. Não descance até que todos ao seu redor saibam da fé que você professa e o quanto eles podem ganhar, caso a sigam.

Que Deus seja o motivo para escrevermos em redes sociais, para cantarmos, para falarmos, para respirarmos e para realizarmos qualquer outra atividade. Que ele seja sempre o centro de nossas vidas e o único ser glorificado por nós! Indo mais além, que as pessoas olhem para nós, percebam que somos diferentes e tenham ânsia por saber

o motivo de tamanha disparidade entre o nosso modo de agir e pensar, comparado à forma com que o mundo age e pensa.

Não acredito que o caminho para a evangelização seja fazendo piada com a crença alheia ou respondendo impacientemente às dúvidas das pessoas.

II. A pregação deve ser feita com amor e paciência.

Na primeira vez que li o textinho da IP Ipanema-Leblon, lembrei-me do meu irmão Natan Cerqueira e do meu pai. Do Natan eu lembrei, porque quando li “eu não falei de Jesus doando uma Bíblia”, a primeira coisa que me veio à mente foi quando ele vinha a pé para casa e se encontrou com um mendigo, que pedia por dinheiro. O Natan, muito filantropo, levou o senhor até a porta do nosso apartamento e pediu para que ele esperasse, enquanto pegaria algo no apartamento para lhe trazer. Até aí tudo bem, o bom foi depois sabermos que ele só faltou doar nossa geladeira com tudo dentro (tá, um pouco de exagero da minha parte, mas foi quase isso), e deu também as havaianas dele – ficando sem chinela – e, pra completar, a primeira Bíblia que papai tinha dado para ele, em decorrência de seu primeiro acampamento bíblico.

O Natan era apenas uma criança e pensou em dar a Bíblia dele! Talvez o mendigo nem soubesse ler, mas e se alguém tiver lido pra ele? E se ele soubesse mesmo ler e realmente leu? Natan foi tão amoroso que não deu apenas um simples pão para esse se-

nhor, mas deu o pão da vida! Na inocência de uma criança, ele se lembrou de dar uma Bíblia.

Lembrei-me também do papai, porque no nosso trabalho, em épocas de feriados, principalmente carnaval, sempre entregamos folhetos evangelísticos para os clientes. Ideia dele, que sempre gostou de comprar livros cristãos e já doava para a igreja vários panfletos evangelísticos, o que o levou a usá-los também no posto.

Esses são dois exemplos que guardo comigo, a fim de lembrar-me do amor que devo ter para com as pessoas, sejam elas já irmãs em Cristo ou não - pelo menos não ainda. Muitas vezes perdemos a paciência e em várias outras falamos coisas desnecessárias, grosseiras e rudes, achando que isso vai ajudar alguém a se aproximar do evangelho, mas só afasta. Não são raras as ocasiões em que pessoas falam de forma que não exala amor, tampouco compaixão pelos ímpios. Sinceramente não entendo o motivo dessas reações tão bruscas e não a vejo como uma tática muito útil na evangelização.

Os que ainda não conheceram a verdade ou a conheceram, mas ainda não a aceitaram, precisam ouvir todas as verdades bíblicas, mas com amor.

Os que ainda não conheceram a verdade ou a conheceram, mas ainda não a aceitaram, precisam ouvir todas as verdades

bíblicas, mas com amor. É para com elas que precisamos cuidar mais ainda para exercermos inteiramente os frutos do espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”.

*Ame a Deus, ame a Palavra,
ame as ordenanças bíblicas e,
por amá-los, pregue o evangelho a toda criatura*

Não acredito que o caminho para a evangelização seja fazendo piada com a crença alheia ou respondendo impacientemente às dúvidas das pessoas. Nós temos que agir diferente e sermos humildes, da mesma forma com que Jesus foi. Portanto, aja com amor ao debater no Facebook e pense duas vezes antes de postar algo, veja se o que você está escrevendo é realmente para glorificar a Deus e se a verdade está sendo dita em amor, ansiando para que outras pessoas possam viver a vida de paz que você tem vivido por ter crido em Jesus como seu único Salvador.

Não sejamos arrogantes, achando que somos melhores do que os outros, mas amorosos e compassivos, porque não somos merecedores de nada e não temos mérito nenhum na salvação, a única diferença entre nós e alguém que vai queimar no fogo do inferno é a misericórdia de Deus para conosco ao nos eleger.



Sara de Cerqueira é formada em hotelaria, frequenta a Igreja Presbiteriana do Cambéba, em Fortaleza, e é tradutora do Projeto Ryle.

<http://sdecerqueira.blogspot.com.br>



Hospedy
Comunicação Virtual

www.hospedy.com

DESENVOLVIMENTO DE SITES:



- Sites p/ Igrejas
- Sites p/ Rádios
- Sites Estáticos
- Sites administráveis

HOSPEDAGEM DE SITE:



- Servidores no Brasil
- Mais de 4 anos no mercado
- Espaço em Disco e Transferência de Dados Ilimitadas
- Servidores Linux Tecnologia CPanel
- Servidores Windows, Nova Tecnologia EnKompass



STREAMING DE ÁUDIO E VÍDEO:

- Transmissão de Rádios: Web, FM e AM pela Internet
- Transmissão de Cultos ao vivo
- Transmissão de Eventos

contato@hospedy.com | (14) 3554.3644

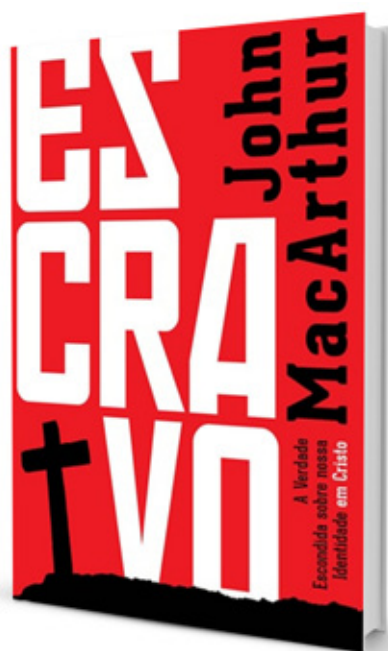
ESCRAVO

John MacArthur Jr



Páginas 240 | 16×23 cm | ISBN: 978-85-8132-027-4

Em “Escravo”, John MacArthur traz à luz um elemento essencial da identidade do cristão, que ficou oculto a partir da tradução de muitas versões modernas da Bíblia. Neste livro, MacArthur resgata a correta tradução da palavra grega doulos, que é de grande importância para o bom entendimento do que é ser um cristão genuíno. Presente 124 vezes no texto original do NT, a palavra escravo (doulos), por motivos incertos, foi substituída por servo. Segundo MacArthur, essa tradução incorreta acobertou o verdadeiro significado do termo escravo e trouxe grande perda para o ensino correto do evangelho, o qual ordena que os crentes se submetam a Cristo completamente, não apenas como servos contratados, mas como quem pertence inteiramente a Ele. A partir desta correta compreensão, MacArthur convida o leitor a redescobrir uma antiga e rica perspectiva do significado de ser escravo de Cristo.



CONFIRA AQUI



O QUE É A ORAÇÃO?

Por Bispo Josep Rossello

*“A oração diligente é o segredo para uma vida de santidade”
Bispo J. C. Ryle*

A oração é para o cristão, o que o ar é para a vida. Todo cristão verdadeiro tem uma vida de oração, como toda pessoa tem uma vida, sem falar que temos vida pública, vida social, vida privada, etc. Contudo, será que temos realmente uma vida de oração? Será que nossa vida de oração é tão real como os outros aspectos da nossa vida? Oração não é somente um privilégio, mas também uma obrigação, um compromisso sobre a qual todo cristão edifica sua vida, “...o dever de orar sempre e nunca desanima” (Mc. 18.1). Se você deseja conhecer o estado espiritual de um cristão, escute suas orações. A oração mostrará sua vida espiritual e se essa é saudável ou não. As orações mostraram o estado do cristão, como as folhas de uma árvore mostram o estado da mesma. Não em vão, a vida cristã começa,

crece e termina em oração.

A IMPORTÂNCIA DA ORAÇÃO

1. Seu lugar e vitalidade

Encontramos em Gênesis 4.26, a primeira referência direta a oração, “Foi nesse tempo que os homens começaram a invocar o nome do SENHOR.” Ao mesmo tempo, encontramos em Abraão um dos maiores exemplos de um homem de oração. Sua vida é um exemplo de alguém que aprendeu através da oração e cresceu com ela. Em Gênesis 18.22-35, a oração foi além de um diálogo, a oração se fez intercessão. Deste modo, a oração chegou a desenvolver-se em uma comunhão íntima e pessoal entre Abraão e Deus. Leia Gênesis 24.12, encontramos como o servo de Abraão orando de forma pessoal, e

assim podemos ver como ensinamos outros a orar através das nossas vidas de oração. A vida de oração de Abraão foi uma inspiração para outros e, ao mesmo tempo, podemos resumir a vida de oração dele com a palavra “comunhão.” Abraão foi chamado três vezes o “amigo de Deus.” Ele tinha uma fraternidade e caminhada real e viva com Deus.

2. Sua centralidade

Pode-se afirmar, com certeza, de que Jesus era um homem de oração. Em Marcos 1, mostra um dia na vida do Senhor, Jesus Cristo. Observemos o que Jesus faz no início do dia, “De madrugada, ainda bem escuro, Jesus levantou-se, saiu e foi a um lugar deserto; e ali começou a orar” (Mc. 1.35). Às vezes, os cristãos dão explicações, porque não oram ou não temos uma vida de oração verdadeira. Possivelmente, a escusa mais ouvida é que estamos muito ocupados, mas Jesus sempre encontrava tempo para orar e ter comunhão com Deus. Se lermos o evangelho de Lucas, existem duas questões fortemente visíveis: (1) a humanidade de Jesus e (2) a centralidade da oração na vida de Jesus. Em sete ocasiões, podemos ver Jesus orando. Também, temos o exemplo dos seus discípulos e as parábolas, vejamos Lucas 18.1-7 e Lucas 11.5-13. Há uma ênfase na centralidade da oração.

3. A negligência

No Antigo Testamento, encontramos Deus expressando insatisfação no fracasso do Seu povo por não buscar a face de d’Ele. “Povo que formei para mim, para que proclamasse o meu louvor. Contudo, não me invocaste, ó Jacó, mas te cansaste de mim, ó Israel” (Is. 43.21-22). Encontramos que Isaías mostra seu descontento diante da atitude de Israel, “E não há quem invoque o teu nome, que desperte e te detenha, pois escondeste de nós o rosto e nos consumiste por causa das nossas maldades” (Is. 64.7). Encontramos advertências muito serias para o povo de Deus que negligência buscar a Deus. Vejam também Oséias 7.7, 14.

Oramos para que nossa mente e vontade sejam levadas a um lugar de acordo com a mente e a vontade de Deus

4. As consequências

Muito dos males na vida são atribuídos a uma vida sem oração, ou a falta da oração. Se observarmos, muitas adversidades que tem vindo sobre uma nação, uma igreja, um cristão, poderiam ser atribuídos a falta da oração. “Como está escrito na lei de Moisés, toda esta desgraça nos sobreveio; apesar disso, não buscamos o favor do SENHOR, nosso Deus, para nos convertermos das nossas maldades e alcançarmos discernimento na tua verdade. Por isso, o SENHOR cuidou de trazer sobre nós a desgraça; pois o SENHOR, nosso Deus, é justo em tudo o que faz, e nós não temos obedecido à sua voz” (Dan 9.13-14). Foi pela falta de oração e temor de Deus o não buscaram a presença de Deus e nem obedeceram a lei de Deus.

5. O exemplo dos apóstolos

“Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço. Mas nós nos devotaremos à oração e ao ministério da palavra” (Atos 6.3-4). Isto não quer dizer que outras coisas não são importantes, ou temos que ignorar as mesmas. Existem muitos ministérios que são importantes, contudo, cada parte do corpo tem uma função a desenvolver. Os apóstolos estão falando de uma prioridade, e a prioridade dos apóstolos era orar e ensinar a palavra de Deus à igreja nascente, como é também a função de todos os Ministros nos dias de hoje, especialmente presbíteros e bispos. Neste texto, é interessante o fato de que a oração vem diante do ensino da Palavra, sendo essa uma verdade essencial na vida do povo de Deus. Temos que orar antes de escutar, estudar e meditar na Palavra de

Deus. Também, isto é um ensinamento para os Ministros, que esses não podem declarar e ministrar a Palavra com poder e autoridade do Espírito Santo, se não nos encontrarmos primeiro de joelho com o Senhor.

6. Obediência

O Senhor diz, “orar sempre e nunca desanimar” (Lucas 18.1). O apóstolo Paulo diz, “Perseverai na oração, nela permanecendo atentos com ações de graças” (Col. 4.2) e “Orai sem cessar” (1 Tess 5.17). Estes textos bíblicos nos lembram de que devemos estar em constante oração, enquanto vivemos, tomamos decisões, agradecemos a Jesus por todo o que temos, e isto requer viver com a certeza de que estamos sempre na presença do Pai. Assim, nos somos a oração viva que o mundo vê com clareza. Quando oramos, Deus nos transforma para ser a oração e resposta, em dependência a Ele. Nossa vida em comum faz visível o Corpo de Cristo, as mãos, os pés, a voz, que transforma e restaura, como Jesus fez 2,000 anos atrás. Bispo Ryle disse uma vez, “a oração é o verdadeiro folego do Cristianismo.”

A NATUREZA DA ORAÇÃO

Estive observando os livros que tenho sobre oração na minha livraria. São muitos, porque muito se fala muito de oração, e ouvimos muito sobre oração, contudo, são poucos os que conseguem definir o que a oração é. Assim, que vou tentar responder o que a oração não é para depois poder entender o que a oração é realmente.

1. A Oração não é impor nossa presença

Quando era jovem, eu tinha um caráter bem forte, portanto, muitas vezes tinha a tentação de impor minha presença e meus desejos contra as opiniões dos outros. Às vezes, as pessoas atuam da mesma forma quando se aproximam a Deus em oração. Desejam impor seus desejos e sua presença à Deus. Isto não é oração. Deus está pronto para nos

receber na sua presença, mas nós não podemos impor nossa presença ou desejo.

A oração não é um ato que fazemos para mudar a mente de Deus, mas é um encontro com Deus que muda nossa vida dia a dia.

2. A oração não é uma intromissão na presença de Deus

Se algumas pessoas querem impor sua presença, outras pessoas acham que estão intrometendo-se e terminam por ter temor de aproximar-se a Deus. Contudo, temos que entender que Deus está sempre disposto a ouvir nossas orações. Deus nos convida a vir até Ele, “Clama a mim, e te responderei, e te anunciarei coisas grandes e inacessíveis, que não conheces” (Jer. 33.3, veja também Salmos 50.15). Este é o mesmo Deus do que escreve Tiago, “Achegai-vos a Deus, e ele se achegará a vós” (Tiago 4.8). Lembremos sempre as palavras do Senhor, Jesus Cristo, “Peça... Busca... Chama” (Mateus. 7.7). Deus estava esperando para ter comunhão conosco, em todas as situações. William Law diz uma vez, “A oração é a máxima aproximação que podemos ter de Deus, e a maior alegria em sua pessoa que podemos desfrutar neste mundo.”

3. A oração não é pressionar a Deus

Muitas pessoas podem pensar, ou atuar, como se a oração fosse a forma mais eficaz para pressionar Deus para conseguir a resposta desejada. Elas veem a Deus como um Deus relutante e restivo. Isto está longe da verdade. “Àquele que é poderoso para fazer bem todas as coisas, além do que pedimos ou pensamos, pelo poder que age em nós” (Efésios 3.20). Este é o nosso Deus. Não precisamos pressionar, somente confiar n’Ele.

4. A oração não é uma lei

Há pessoas que entendem a oração como uma lei. Portanto, acham que se seguem essa lei, vão conseguir certas coisas em troca, como se fossem premiadas por fazer certas coisas. Na verdade, a oração não funciona assim. Tampouco, vamos ser castigados, se não oramos. O que acontece é que se não oramos, não vamos ter comunhão com Deus, nem vamos entender sua perfeita vontade, nem ouvir sua voz, nem entender seus caminhos. Imagine como você pode conhecer seu pai ou mãe, se não fala com eles, regularmente. O objetivo não é o que conseguimos algo deles, mas estar com eles.

5. A oração não é uma lista de compras

Há pessoas que entendem a oração, como se fosse uma lista de compras. Deus sabe tudo, Ele é onisciente. Ele é perfeito no seu conhecimento, pode ter certeza disso. Não precisamos apresentar uma lista com as coisas que desejamos, ou queremos. Nem podemos surpreender o Pai com nova informação que Ele não seja consciente da mesma. O Rei Davi escreveu, "SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; conheces de longe o meu pensamento. Examinas o meu andar e o meu deitar; conheces todos os meus caminhos. Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu, SENHOR, já a conheces toda" (Salmos 139.1-4). Não há nada escondido de Deus. O próprio Senhor, Jesus Cristo, falou duas vezes em Mateus 6 que Deus conhece nossas necessidades.

Talvez, você se pergunte, se Deus sabe todas as coisas, porque devemos orar? Oramos para que nossa mente e vontade sejam levadas a um lugar de acordo com a mente e a vontade de Deus, em cada área da nossa vida. Deus é um Pai que deseja ter comunhão com seus filhos. Ele sabem o que precisamos

antes que levemos nossa petição, mas Ele deseja que fazemos conhecidas nossas petições diante d'Ele. Assim, Ele fala conosco, e nos ajuda entender Seus perfeitos planos e propósitos, nos transformando cada dia mais à semelhança do Seu Filho, Jesus Cristo.

6. A oração não altera a mente de Deus

A oração não é um truque para conseguir alterar a mente de Deus. Principalmente, porque Deus não muda, como acontece com os homens. A mente de Deus não muda, pode até mudar sua atitude, mas nunca muda seu proposito eterno. A oração não é um ato que fazemos para mudar a mente de Deus, mas é um encontro com Deus que muda nossa vida dia a dia. Quando oramos, oramos no nome de Jesus. Isto significa que oramos conforme quem Jesus é, em outras palavras oramos da mesma forma que Jesus orou, "não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc. 22.42). Assim, percebemos que Deus está pronto para abençoar nossas vidas conforme toda benção espiritual, se estamos prontos a seguir a Jesus Cristo e obedecer aos Mandamentos de Deus. Não porque seja uma recompensa por sermos bonzinhos, mas devido a que Deus é um Pai pronto para abençoar e amar sua família que tem sido reunida em Cristo. Se estivermos prontos a ser transformados, então poderemos ver como já não oramos conforme os desejos na carne, mas conforme os desejos do Pai. Deste modo, desejamos obedecer e estar na perfeita vontade de Deus e, em harmonia, com o proposito de Deus para nossas vidas.

Termino este primeiro artigo, com esta definição, "a oração é um oferecimento dos nossos desejos a Deus, no nome de Cristo, para a glória d'Ele através da submissão completa da nossa vontade a Sua vontade pelo Espírito Santo."



Revmo Josep M. Rossello é o Presidente-Moderador da Igreja Anglicana Reformada do Brasil, e líder da igreja Re.Novo em Pindamonhangaba, São Paulo. Escreve em seu blog "Café com o Bispo" semanalmente.

<http://cafecomobispo.blogspot.com.br/>



A PROVA DEFINITIVA DA CRIAÇÃO



Este livro muito necessário e magistralmente preparado pelo Dr. Lisle (pesquisador PhD da Answers in Genesis) é resultado do seu estudo diligente e intensivo das obras de alguns dos maiores apologistas da nossa era moderna. Dr. Lisle usa de forma brilhante o que a maior parte das pessoas poderia considerar argumentação técnica (que só especialistas em lógica e filosofia poderiam usar) e ensina passo a passo como o cristão comum pode se tornar um debatedor magistral contra até o mais veemente cético — não só preservando seu próprio fundamento, mas também deixando o oponente sem desculpas quanto à veracidade da Bíblia e da fé cristã.

DESCRIÇÃO:



CONFIRA AQUI

Título: A Prova Definitiva da Criação

Subtítulo: Resolvendo o debate das origens

Autor: Jason Lisle

Tradução: Marcelo Herberts

Revisão: Felipe Sabino

Capa: Raniere Maciel Menezes

Formato: 16 x 23cm

Nº de páginas : 270 p.

Miolo em papel polen soft LD 80g

Capa em Cartão Supremo 250g

Editora Monergismo

Ano: 2012



NEM TUDO QUE RELUZ É OURO

Por Andreia Ferreira

Como avaliar os autores ditos cristãos na Internet

Nesse ano foi divulgado o resultado do Censo 2010 do IBGE dando conta que houve um crescimento no número de brasileiros que professam a fé evangélica, e declínio dos que se professam católicos apostólicos romanos, que era tida, então, como a religião predominante no Brasil. Isso pode ser considerada uma boa notícia? Tenho cá minhas dúvidas. Como saber se estes que responderam à pesquisa realmente são crentes em Cristo Jesus, Seus discípulos, aqueles para quem se disse “negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me” [Lucas 9:23]?

Paulo adverte os coríntios sobre o fato de eles permanecerem “exigindo uma prova de que Cristo fala por meu intermédio” [2 Coríntios 13:3 NVI parte]. E por qual razão ele se queixara? Porque já tinha demons-

trado, no seu falar, no seu agir, que vivia a novidade de vida prometida e cumprida por Cristo Jesus. Acredito que Paulo não se incomodou com os coríntios pelo simples fato de ser questionado, mas pelas pessoas pelas quais foi interrogado. Os coríntios se identificavam como cristãos – aqui entendendo que eles tinham um tempo de comunhão, de estudo da Palavra, de oração, partir do pão [considere Atos 2:42]....como podiam, então, questionar o apóstolo?

Entendam, amados, o problema não é o questionamento de um cristão em si, pois tenha ele o cargo eclesiástico que tiver, tenha o tempo de vida cristã que tiver poderá ser questionado. Particularmente, tenho o entendimento de que devemos estar sempre preparados para sermos questionados, seja por não-crentes, seja por crentes - e é até salutar que isto seja feito. Como vez ou outra

digo, Deus, em Cristo Jesus, tirou nossos pecados - o cérebro continua no mesmíssimo lugar.

A questão vai mais além. Como uma pessoa que se diz cristã, seguidora de Cristo, não reconhece outro cristão genuíno? Neste caso, o problema se encontrava com os examinadores. Paulo diz a eles: “Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós?” 2 Coríntios 13:5a

Uma pessoa que se apresenta como cristã deve examinar a si mesma pela Palavra de Deus, conforme pode ser visto em 2 Coríntios 13:5. A Palavra deve ser sua regra máxima e inegociável de fé, orientação e conduta. E é também este o único critério para examinar se os que se dizem cristãos, de fato, o são - tanto pessoalmente, quanto pela internet. Considere o que disse João, em 1 João 4: 1 - “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos mestres se têm levantado no mundo”.

Há um ditado que diz que papel aceita qualquer coisa. Hoje, é possível afirmar com segurança que a internet, território ainda sem lei, aceita qualquer coisa e têm sido o maior espaço onde, infelizmente, há muitos ‘cristãos’ que jamais tiveram um encontro pessoal com Cristo Jesus. Pessoalmente, é bem menos difícil identificar um lobo disfarçado de ovelha. Embora haja os que se disfarçam muito bem, cedo ou tarde, a máscara cai. E se não cair diante dos homens, cairá diante de Deus e eu, sinceramente, lamento para estes a quem suceder isto. [Considere I Timóteo 5:24]

Pela internet, esta tarefa torna-se bem mais complicada. Mas não impossível. Para nosso exercício, vamos estabelecer que espaço virtual é o local - blog, sítio, canal, etc, onde são postados textos, imagens ou vídeos, administrador refere-se ao ator principal do espaço, que tanto pode produzir sozinho como admitir parceiros, e colaboradores, parceiros e seguidores do espaço e/ou administrador.

Ao longo dos texto, usarei com maior

frequência as expressões “espaço virtual e administrador”, ainda que, eventualmente, mas não prioritariamente, seja necessário examinar também os colaboradores.

Sendo a Palavra de Deus a lente pela qual deve-se proceder tal exame, consideremos:

Um espaço virtual que se apresente cristão deveria, notadamente, apontar para Cristo Jesus, para Sua vitória por nós na cruz, para o amor e a misericórdia de Deus

1] O administrador do espaço virtual é membro de alguma igreja?

Sim, eu continuo tendo a firme certeza de que não é placa de igreja que salva o pecador. Como diz o refrão de um conhecido hino:

*É só Jesus que salva o pecador,
que dá-lhe paz e luz, que tira seu temor.
É só Jesus, o mesmo que morreu,
que tira nossas culpas e nos conduz ao céu.*

Creio nisto absoluta e firmemente. Mas, confesso, estranho muito quando observo que o administrador do espaço virtual deliberadamente não busca viver em comunhão, não se expõe e aprende com outros crentes, que tanto não se submete quanto combate uma liderança constituída pelo Senhor Deus. A internet, neste sentido, tem se tornado o refúgio de muitos desigrejados. Pessoas boas e ruins, como há em todo o meio. Acredito que há irmãos sinceros que foram feridos em alguma igreja? Sim, acredito. Há os que, mesmo sem pertencer a uma denominação, são fiéis e firmes em sua caminhada com o Senhor Jesus Cristo? Também penso que seja possível.

Tenho conhecido não poucos irmãos que se afastaram de uma congregação que os feriu. Sua situação de desigrejado, contudo, é temporária, pois estes mesmos irmãos,

entendendo que não fomos chamados para vivermos desgarrados, têm procurado outro aprisco. Recomendo a leitura do capítulo 10 dos livros de João e Hebreus para entender melhor a questão.

Infelizmente, já vivi a situação de ler comentários dados em apoio a textos críticos e inverídicos, postado por administradores e colaboradores que nunca colocaram os pés na igreja onde congrego - e sou membro desde que me converti ao Senhor Jesus Cristo, há 11 anos - assim como não conhecem meus irmãos em Cristo e a realidade que vivemos. Opinaram sobre uma situação, ou sobre a doutrina, como também aconteceu, demonstrando que sequer procuraram saber, ou questionar, o outro lado da história. Ninguém está livre de cair nesta situação. Contudo, como está escrito, vigiemos e oremos [considere Lucas 12: 36].

Nestes casos, oro para que recordemos do que está escrito em Provérbios 18:17 - "O que pleiteia por algo, a princípio parece justo, porém vem o seu próximo e o examina".

2] O conteúdo do espaço virtual encontra respaldo na Bíblia, e/ou em autores de indubitável caráter cristão, ou apóia-se exclusivamente na opinião pessoal do administrador e/ou colaboradores?

É claro que um espaço virtual tem a opinião ou as impressões que seu administrador e colaboradores têm de um determinado assunto, do cotidiano, da fé, de qualquer coisa que se queira compartilhar. Entretanto, qual é a base? Quais são os fundamentos que sustentam os argumentos, as ideias? Se você não encontrar quaisquer referências bíblicas no texto ou não lembrar de nenhuma passagem que corrobore tal ideia, ainda resta um outro método eficaz para saber o real arcabouço das propostas contidas no material divulgado: o uso persistente do "eu".

"Porque eu acho", "Porque eu duvido", "Porque eu sinto", "Porque eu não sinto" ... O problema, obviamente, não reside no uso das expressões em si, mas quando estas são deliberadamente utilizadas para sustentar ideias ou opiniões que constituem clara afronta ao que ensinam as Escrituras.

Meditemos em Provérbios 18: 2, 7, 20,

21. "O tolo não tem prazer na sabedoria, mas só em que se manifeste aquilo que agrada o seu coração. [...] A boca do tolo é a sua própria destruição, e os seus lábios um laço para a sua alma. [...] Do fruto da boca de cada um se fartará o seu ventre; dos renovos dos seus lábios ficará satisfeito. A morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá do seu fruto".

*Da abundância do coração
fala a boca, digitam os dedos
e aparecem na timeline do
Facebook, do Twitter*

A sabedoria não pode ser entendida como acúmulo de conhecimento mas, sim, como temor do Senhor, o desejo de aprender a Sua Palavra, viver a Sua vontade para servi-Lo e ao Reino. Vejamos os Provérbios 1:7 e 19:8. "O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução". "O que adquire entendimento ama a sua alma; o que cultiva a inteligência achará o bem". Provérbios 19:8

Entendo que um espaço virtual que se apresente cristão deveria, notadamente, apontar para Cristo Jesus, para Sua vitória por nós na cruz, para o amor e a misericórdia de Deus, renovados dia após dia sobre nossas vidas, para o que o Senhor, na Sua graça, têm feito em nossas vidas, e por meio de nossas vidas, e não para o 'eu'. Autoelogio, autocomiseração e autoconfiança são exemplos e sinais de alerta. "Que um outro te louve, e não a tua própria boca; o estranho, e não os teus lábios". Provérbios 27:2

3] Como o administrador do espaço virtual se apresenta nas mídias sociais?

É raro, hoje, encontrar um administrador que não disponibilize o link para seu perfil em alguma das mídias sociais como Facebook, Twitter, Orkut (alguém realmente usa isto ainda?) etc.

Então, que tipo de publicações prevalecem? É claro que todo mundo tem o momento abobrinha no dia e, até onde eu saiba – e estou pronta para ser corrigida, se estiver errada – não é pecado rir e fazer rir. Porém, se é só isto – postagem com piadas, palavrões, imagens sensuais ou chocantes, o que essas coisas demonstram? Músicas que apresentam, em videocliques ou nas letras – ou ambos – como um comportamento normal e aceitável o desrespeito à lei e à ordem, o consumo desenfreado, o uso de drogas, bebidas alcoólicas, envolvimento sexual, a apologia à violência, o que isso tudo testemunha de fato?

“O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca”. (Lucas 6:45). Da abundância do coração fala a boca, digitam os dedos e aparecem na timeline do Facebook, do Twitter. E faz o quê, no coração e na mente daqueles, cristãos ou não, que lêem? Em 1 Coríntios 5:12 Paulo bem disse que “todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”.

Aliás, no capítulo 8 desta 1ª carta aos Coríntios, Paulo trata de modo bem objetivo e radical o cuidado que devemos ter sobre o impacto que nossas ações podemos causar nos irmãos - neste capítulo, ele trata sobre coisas sacrificadas aos ídolos, e demonstra que “a ciência incha, mas o amor edifica” [final do verso 1]. O verso 13, que fecha o tema neste capítulo, é contundente e desafiador: “Portanto, se comer carne oferecida a ídolos fizer meu irmão pecar, não comerei nem um pedacinho em toda a minha vida, porque não quero feri-lo, de maneira alguma”.

Eu me concentrei somente em três, mas certamente há outros aspectos que podem ser incluídos para realizar um bom exame e

descobrir o que o amado leitor tem lido ou visto pela internet. Bem como se vale a pena continuar sendo seguidor de um espaço virtual que não produz sementes de edificação para o Corpo de Cristo. Em 1 Coríntios 5: 9-13, há uma séria observação a este respeito.

A autora Stormie Omartian sintetiza, com clareza, toda a ideia que me levou a meditar no assunto: “O poder de Deus é precioso e poderoso demais para ser desperdiçado em uma alma insubmissa”. Se o administrador do espaço virtual demonstra ser, repetida e persistentemente, insubmisso, desobediente, enganoso ao Senhor Deus, acredite, ele o será em todas as outras esferas da sua vida, pessoal e virtual. Repetida e persistentemente.

Somos pecadores e podemos, a qualquer tempo e descuido, cair. Considere 1 Coríntios 10:12. Mas relembro que o conceito de perfeição requerido pelo Senhor Deus é ser íntegro. Misericordioso não é somente ser compassivo, mas não retribuir para alguém que nos ofende conforme tal ofensa mereceria.

Oro para que este estudo sirva de alerta, para administradores, parceiros e colaboradores, e que seja um incentivo a mais para a busca de uma vida em santidade a cada dia, pois sem santidade, ninguém verá a Deus, conforme Hebreus 12:14. Concluo esse artigo compartilhando o trecho de um livro muito abençoado que li chamado “A Lei da Lepre - Uma figura do pecado e da restauração divina”, de G.C. Willis, Ed. DLC.

“Aquele que o Senhor Jesus purificou está transformado, não só exterior, mas também interiormente, por meio do novo nascimento. Tal pessoa recebeu um coração limpo [puro] e uma nova natureza, para a qual o pecado é repugnante, e ela o detesta. Se alguém no qual habita a nova natureza escorrega para dentro do pecado, ele não ficará satisfeito até ter sido restaurado.” [pp 35]



Andreia Ferreira é economista, membra da Igreja Neotestamentária e escreve no blog “Meu Quintal Virtual”

<http://meuquintalvirtual.blogspot.com.br>



ESCOLA
CHARLES SPURGEON

Teologia com Espiritualidade

(0xx85) 3055.0083 | 3287.3473 | 8658.8274 | 9948.7357

www.escolacharlesspurgeon.com.br

Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

Confira nossos sermões em
formatos para dispositivos digitais.
(clique no Link da descrição da foto)

Projeto
Ryle

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA



amazon.com



HISTÓRIA: BACH CANTOU O SEU CRISTIANISMO EM MÚSICA

Por Carlos António da Rocha

Johann Sebastian Bach (Eisenach, 21 de março de 1685 – Leipzig, 28 de julho de 1750). Eisenach foi, bem a propósito, o seu berço natal. Ali, no castelo de Wartburg, algum tempo antes, Lutero havia-se recolhido para traçar os planos da Reforma. O mesmo espírito que presidiu à Reforma foi o que deu vida e força à sua obra: a paixão pelo Cristianismo na sua pureza primitiva. A grande obra da vida de Bach foi oferecer-nos uma versão musical do Cristianismo. Os pintores do Renascimento, os seus escultores e arquitetos, cuidaram de fixar o espírito cristão em linhas, cores e volumes. Bach transformou o Cristianismo em som. E essa versão é, sem dúvida, a mais fiel, a mais pura e a mais profunda. Há, entre a música e o Cristianismo, um parentesco íntimo. Em ambos o que vale é o que não se vê, o real é o que está acima dos nossos sentidos. O Reino de Cristo não é o mundo físico: o seu domínio começa justamente onde termina a nossa capacidade de ver, de compreender e de sentir. O reino de Cristo é uma lingua-

gem além das palavras, uma escada que nos liga ao mundo que os nossos pés não podem atingir, mas onde a nossa alma se sente como em sua própria pátria. A música no Cristianismo representa um esforço no sentido do crente se libertar do frio e imutável silêncio que o cerca, para entrar em comunhão com o Seu Criador, Salvador e Senhor, que o acolhe.

A música, como toda linguagem, é uma criação coletiva, uma convenção geralmente aceite. Onde cada qual inventa a sua linguagem, ninguém se entende. Há sempre uma Torre de Babel no fim de toda a cultura: o povo que deixa de ter uma linguagem comum, deixa de ter, também, um mesmo destino. O Cristianismo foi a grande paixão do tempo de Bach, e a sua própria. Ele é protestante no exato sentido de Lutero: o seu desejo era o regresso à verdadeira doutrina de Cristo, isenta das adaptações e das interpretações dos Padres. A sua música fixa e exalta de tal forma esse sentimento que dá a impressão de uma longa prece, que sobe

aos Céus e vai até ao Trono de Deus. A linguagem musical de Bach alcançou uma significação universal porque é a expressão do anseio e da esperança do imutável coração humano se encontrar com o Seu Salvador. Não apenas as suas energias espirituais cristãs, mas todas as forças espirituais cristãs do seu tempo se reuniram em torno da criação do seu estilo – esse majestoso e imponente barroco, tão propício à fixação das altas e luminosas visões do espírito cristão.

O barroco não é uma linguagem para as ideias comuns, para a descolorida existência de cada dia. Não é um estilo para a construção de choupanas, mas de palácios e de catedrais. A sua base é a valorização do espírito, do conteúdo. A ideia deve ser tão densa, tão violentamente presente, que força a matéria e a subjuga. As cantatas de Bach arrastam-nos para um mundo de estranhas, majestosas e

Em Mühlhausen, confessou humildemente: “Tive sempre o pensamento de fazer progredir a música, para maior glória de Deus.”

fantásticas visões. Bach levou o estilo barroco às últimas consequências. A sua polifonia é tão intrincada, a floresta da sua música é tão densa, que os próprios contemporâneos não chegaram a perceber a sua selvagem beleza. Ele é tão claro e ardente quanto o Sol, que ninguém consegue olhar a olho nu. Foi necessário que a névoa do tempo se interpusesse entre ele e nós para podermos contemplar o seu fulgurante esplendor. O barroco de Bach é a vida em plenitude, a vida na sua impetuosidade de anseios, de beleza, de miséria e de infinita beleza. Não é uma arte para o receio, mas para o trabalho, o duro do

trabalho do espírito, uma convocação de todas as forças interiores. Bach sentiu a música como uma porta aberta para o Eterno, a qual é dada ao homem cristão, para ele poder consolar-se da sua miséria e das suas fraquezas, quer alegrando-se com a esperança da sua vocação eterna, para comunicar-se com o Ser Divino, com o mundo dos seus anseios, a pátria das suas íntimas esperanças, o Paraíso de Deus!

É ouvindo uma cantata de Bach que somos tocados pela compreensão da nossa presença no mundo e do sentido do nosso destino. Fomos feitos, como os pássaros, como as flores, para louvor e honra do nosso Criador. O desejo mais alto de Bach foi chegar a Deus. E conseguiu esse intento libertando-se de toda a contingência humana e pondo toda a sua esperança no sacrifício vicário de Jesus. Bach buscou traduzir em música esse seu sentimento de alegria na vitória final de Jesus. E fê-lo com tanta força criadora e com tanta sinceridade, que é, ainda hoje, escutando a sua maravilhosa música que os cristãos são como que transportados ao Céu e dialogam com Deus.

Não se pode dizer que Bach foi o maior dos músicos, porque não há fita métrica para medir o génio. E como as árvores, os homens devem ser avaliados, não pela sua aparência, mas pelas raízes que têm sobre a Terra. Essas raízes são o sustentáculo contra o vendaval do tempo, que tudo leva de roldão. Nesse sentido Bach dispõe de uma situação privilegiada. A sua fortaleza é uma glória inexpugnável já que tem as suas raízes numa fé simples e sincera na obra de salvação do Seu Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A música de Bach é densa e impenetrável como uma floresta tropical. Os que, no entanto se aventuram a enfrentar os perigos dessa selva, descubrem no seu interior maravilhosas estradas, calçadas de pedrarias raras e atapeadas de flores, que nos induzem ao distante e verdadeiro Reino de Emanuel.

Os Evangelistas trouxeram-nos, através de palavras, até nós a lição de Cristo. Bach compreendeu que o Homem vive longe do Seu Criador. O Homem perdido nos seus pecados tem medo do Seu Criador, não

compreende as coisas espirituais. Bach era um crente em Jesus. Na sua obra Jesus surge na sublime apoteose da pureza, como o Filho do Homem, capaz de sentir as dores e as alegrias, e, sobretudo, o Salvador capaz de perdoar os pecados e as fraquezas, que são as contingências da nossa natureza e os símbolos do nosso nada. Desde o “Oratório de Natal” até as “Paixões”, Bach acompanha toda a vida terrena de Jesus. Nunca na música o espírito de Cristo foi tão bem fixado.

Em Mühlhausen, confessou humildemente: “Tive sempre o pensamento de fazer progredir a música, para maior glória de Deus.”

No “Orgelbüchlein”, em que reúne uma série de trabalhos compostos em Weimar, Bach escreveu essa epígrafe: “Para maior glória do Altíssimo e melhor instrução do próximo.”

E aos seus alunos da Escola de São Tomás ditou essa explicação do baixo cifrado: “O baixo cifrado é o mais perfeito fundamento da música, em que a mão esquerda toca as notas indicadas, tomando a mão direita as consonâncias e dissonâncias, a fim de que surja uma agradável harmonia para a glória do Senhor e o prazer permitido à alma. Como a de toda música, a finalidade do baixo cifrado não deve ser outra senão a glória de Deus e a recreação da alma.”

A música de Bach valorizava e purificava todos os temas. Nas suas mãos os temas mais comuns adquiriam brilho e o esplendor. Transformou, seguindo o exemplo de Lutero, canções licenciosas e picantes em corais piedosos.

De tal maneira a música de Bach fixa a alegria da Terra, dos homens simples e das

almas puras, pela vinda do Salvador!

A arte tem, sobre as demais atividades humanas, a vantagem de estar liberta das contingências do tempo. Um estudante de astronomia pode hoje refutar Aristóteles; muita da ciência de Platão faz rir, agora, ao aluno mais medíocre; um neófito na medicina muito teria a ensinar a Hipócrates. No

*A sua fortaleza é uma glória
inexpugnável já que tem as
suas raízes numa fé simples
e sincera na obra de salvação
do Seu Senhor e Salvador,
Jesus Cristo*

terreno da Música, tudo se passa diferentemente. Há, sim, um torvelinho de escolas e estilos, de linguagens e expressões. Mas uma obra, como a de Bach, que expressa uma conceção do mundo e simboliza o sentido de uma época, jamais será superada. As gerações hão de reverenciá-la pelos séculos fora, como uma das mais altas expressões do espírito humano, que nela se fez música para viver além do tempo e levar a Deus a gratidão do homem crente, satisfeito com a obra redentora de Jesus Cristo, verdadeiro Homem e verdadeiro Deus!

Antes, durante, e após, a audição de música de Bach, eu apenas pronuncio: “Assim, os justos louvarão o Teu nome; os retos habitarão na Tua presença.” Sl 140:13

FONTE: No Caminho de Jesus

http://no-caminhodejesus.blogspot.pt/2012/07/normal-0-21-false-false-false-pt-x-none_7390.html



Carlos António da Rocha é professor de português aposentado, mora em S. Miguel do Pinheiro, Portugal, e mantém o blog de traduções No Caminho de Jesus.

<http://no-caminhodejesus.blogspot.pt/>



HISTÓRIA DA IGREJA

Curso ministrado por Juliano Heyse na Igreja Batista Reformada Vida Nova em Florianópolis-SC aos domingos, nos meses de setembro a novembro de 2008. O áudio foi editado para ser colocado na forma de episódios. Os vídeos podem ser assistidos acessando os episódios.

CLIQUE E ACESSE:



WWW.BOMCAMINHO.COM

Lançamento



**CONFIRA
AQUI**

AGONIA DE CRISTO Jonathan Edwards

((i))
interferência
EDITORA

64 Páginas | Formato: 14x21cm

“Os piedosos podem estar tranquilos nisto, que Cristo como seu Sumo sacerdote ofereceu esse grande clamor a Deus. Todos que crêem em Cristo e seus verdadeiros seguidores e servos, estejam tranquilos nisto, que Jesus Cristo é seu Sumo sacerdote, que Cristo derramou em agonia, caiu na terra por vocês, e que este intenso clamor foi feito a Deus por vocês pra que a vitória de sua missão e sofrimentos servissem de todo o bem que o mundo necessita e toda a felicidade fosse vivida.

Portanto aprendemos que os cristãos devem ser plenamente fervorosos em suas orações e esforços pela salvação de outros. Todo cristão é seguidor de Cristo e devem segui-lo também neste exemplo. Claramente temos ouvido que o grande labor da alma de Cristo foi pela salvação de outros, e que grande e intenso clamor a Deus o acompanhou em sua missão”

WWW.EDITORAINTERFERENCIA.COM

BENDITA DESGRAÇA

Por Maurício Zágari

Comove-me até hoje uma história que li há algum tempo sobre um homem que conheceu intimamente algo de que fugimos incessantemente: a dor. Ela foi sua companheira inseparável durante a maior parte da vida. Pois esse senhor foi obrigado a conviver com doenças que o deixaram seriamente debilitado, abatido, que o fizeram penar enormemente. Ainda jovem, com 25 anos de idade, passou a sofrer com um reumatismo severo concomitante com gota – doença inflamatória crônica relacionada ao aumento dos níveis de ácido úrico no sangue. Dói. E dói muito, pois é fruto da deposição de cristais desse ácido nos tecidos e nas articulações. Junto aos problemas físicos, esse homem desenvolveu uma depressão profunda. E, não bastasse isso, sua esposa também sofreu por décadas como consequência de uma cirurgia que a tornou dependente dos cuidados alheios. Acredite: a vida daquela família não foi nada fácil.

O homem era cristão. Imagine então

como ficaram a cabeça e a vida dele quando, além da gota, do reumatismo, da depressão e da tristeza pela condição da esposa, recebeu o diagnóstico da Doença de Bright – a mesma que causou a morte do inventor Thomas Edison. Trata-se de uma insuficiência renal crônica e está relacionada à perda progressiva, irreversível e lenta da função dos rins. Sim, a vida dele foi um calvário. Uma via-crúcis de dores, tristezas e abatimentos, que o levaram a ficar longos períodos longe de suas atividades por recomendação médica. Não é de se espantar que veio a falecer precocemente, aos 57 anos de idade.

Nós vivemos numa época da História em que moléstias físicas e condições mentais são associadas em muitos recônditos da Igreja a uma série de falhas na fé do cristão. Em dias de Confissão Positiva e Teologia da Prosperidade, aquele homem seria visto facilmente como um “derrotado”, para usar o termo que se popularizou em especial em certos programas de TV “evangélicos”. Se fossemos contar a história que relatei acima

para muitos pastores e membros de igrejas que seguem ensinamentos de hereges como Essek Kenyon (que aliás foi contemporâneo do cavaleiro cuja história mencionei) e seu discípulo Kenneth Hagin, facilmente alguém vaticinaria: “Ah, esse cidadão não tinha fé!”. Outro afirmaria: “Ele não decretou a sua cura!”. Certamente o acusariam: “Não tomou posse da bênção!”. E por fim dariam o golpe sem misericórdia: “Tsc, deixa o cara sofrer, ele não declarou a vitória!”. Além de tudo o que passou, o pobre coitado ainda seria visto como um capenga espiritual, fraco em seu relacionamento com Deus. Um pária e uma vergonha para a fé cristã.

Pois bem. Esse homem foi ninguém menos que Charles Haddon Spurgeon.

Sim, o Príncipe dos Pregadores viveu aprisionado em um corpo doente, decadente e cheio de problemas e suportou por décadas dores, tristeza e muito sofrimento. Curiosamente, se formos analisar os frutos de sua vida e de seu ministério não há como não ficarmos impressionados. Pense em quantas almas você pessoalmente já conduziu a Cristo ao longo de sua vida. Agora compare: Spurgeon batizou quase 15.000. E não é só isso. Publicou 3.653 sermões, alguns com tiragens de até 300.000 exemplares. Escreveu e editou 135 livros, além de uma revista mensal que inspirou o nome desta, A Espada e a Espátula. Para se ter um parâmetro de comparação, o escritor mais vendido em língua portuguesa de todos os tempos, o brasileiro Paulo Coelho, tem 17 livros lançados e o prolífico pregador Rev. Hernandes Dias Lopes tem, segundo website da Consciência Cristã, cerca de 70 obras. Diante disso, é inegável que Spurgeon foi um fenômeno. Um ativo obreiro da seara do Senhor que não deixava suas limitações estagná-lo.

Além disso, o pregador disciplinou e preparou jovens para o ministério no Colégio do Pastor, um seminário teológico que ele fundou e ainda existe hoje, com o nome Spurgeon College. Doente e em sofrimento, ainda inaugurou um abrigo para viúvas em situação financeira precária e dois orfanatos. Não satisfeito, criou um fundo para ajudar os pobres e outras obras sociais, chegando

até mesmo a bancar a fundação de uma instituição de auxílio a jovens grávidas pobres. Em resumo: Charles Spurgeon foi um monstro do trabalho pelo próximo e em prol do Reino de Deus.

Observe: estamos falando daquele... derrotado?

*“Apenas o ouro derretido
pode ser moldado”
- Wigglesworth*

A vida de Spurgeon tem muito a nos ensinar, talvez mais do que seus escritos e suas pregações. Pois ele deixou um legado não apenas literário, mas de exemplo, ajuda e amor. Tudo isso vivendo em depressão, com dores constantes e tendo de suportar um sofrimento difícil de se imaginar. E que lições podemos tirar da vida desse gigante – uma vida que, a meu ver, é a maior de todas as suas pregações?

Em primeiro lugar, que a Confissão Positiva e a Teologia da Prosperidade são uma balela maligna. Se houve alguém na História da Igreja que teve fé e se empenhou em oração e em intimidade com Deus foi Spurgeon. Além de sua vida devocional pessoal, realizava cultos domésticos frequentes com sua esposa Susannah e os dois filhos. E ainda assim não foi curado. Liberal com finanças, nunca economizou no trato com os necessitados e na contribuição com a obra de Cristo. Um homem consciente da soberania de Deus sobre as enfermidades que o assolavam, nem por isso deixou por um dia de crer no Senhor, em seu cuidado e sua ação amorosa para com o mundo e redentiva para com o pecador.

Ele teria todas as razões imagináveis para abater-se e, talvez, amaldiçoar Deus pelas desgraças que viveu. Mas Spurgeon sabia que a desgraça desta vida não se compara à graça que conduz à vida eterna. Eu o encaixo no seleto grupo de cristãos que compre-

enderam que nus saíram do ventre de suas mães e nus voltarão, sempre bendizendo o Senhor, nas montanhas e nos vales. Em tudo dando graças. Assim como Jó. Assim como o pregador Smith Wigglesworth, que, embora usado por Deus para curas espantosas de milhares de pessoas e até a ressurreição – documentada – de pelo menos 17 pessoas, teve de ver sua filha Alice nascer, crescer, viver e morrer com 100% de deficiência auditiva. Sim, a filha do servo de Deus usado para milhares de curas viveu surda do início ao fim. Que ironia e que lição divina. Mas Wigglesworth acreditava que grandes provas levam a experiências mais profundas com Deus e constantemente repetia que “apenas o ouro derretido pode ser moldado”.

Esse é outro ensinamento do grande sermão que foi a vida de Charles Spurgeon: a percepção de que uma desgraça que venha a nos acometer pode ser uma grande bênção. Pois só quem sofreu muito sabe o quanto isso colabora para o amadurecimento espiritual de um cristão. Eu mesmo sofro de uma doença incurável e que provoca dores sete dias por semana, 24 horas por dia. Só eu e Deus sabemos o que esse sofrimento, que já dura 16 anos, proporcionou na minha vida. Mas olho para trás e vejo que, por meio dessa breve e momentânea tribulação, direta ou indiretamente pelo menos 16 pessoas só de minha família vieram a entregar-se a Cristo – eu, inclusive. Graças às mudanças em minha vida provocadas pela doença escrevi 6 livros cristãos (5 já publicados), traduzi 17 obras, escrevo em um blog sobre as coisas de Deus e cá estou eu tentando edificar sua vida por meio deste artigo. E, fora meus escritos, espero ter contribuído e ainda estar contribuindo de outras formas, como pregações, palestras e aconselhamentos. Então é patente como sofrimentos podem se tornar benditas desgraças na vida do maior dos pecadores mediante a graça de Deus. Sou prova viva disso.

Sempre penso no exemplo de Davi e Bate-Seba. O que eles fizeram foi certo? Não, não foi. Natã deixou isso muito claro e o pecado acabou gerando a morte do primeiro filho que tiveram. Mas há um detalhe que em

geral escapa aos olhos dos leitores mais distraídos das Escrituras: o Evangelho segundo Mateus começa com a genealogia de Cristo, dizendo “registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão...” e prossegue até o versículo 6, onde lemos “...e Jessé gerou o rei Davi. Davi gerou Salomão, cuja mãe tinha sido mulher de Urias”. É impossível imaginarmos que Deus levou Davi a adulterar. Mas note que Ele pegou aquela desgraça e a transformou na maior bênção da História da humanidade: foi pela linhagem do rei adúltero com a mulher com quem adulterou que Jesus de Nazaré, o Redentor, tornou-se a “raiz de Davi”, por parte de José, seu pai adotivo. Ou seja: o Senhor transformou sofrimento, erro e pecado na vinda daquele que acabará um dia com todo sofrimento, nos purificará de todo erro e que é o Cordeiro que encarnou para tirar o pecado do mundo.

Só quem sofreu muito sabe o quanto isso colabora para o amadurecimento espiritual de um cristão

Do mesmo modo, não há como imaginar que todos sofrimentos e dores que o homem Charles Haddon Spurgeon teve de suportar por décadas não ajudaram a formar o caráter espiritual do pregador e ministro Charles Haddon Spurgeon. Simplesmente porque é impossível caminhar lado a lado com a desgraça sem ser afetado por ela. Então é natural concluirmos que a gota, o reumatismo, a depressão, a tristeza pela esposa e a Doença de Bright foram o fogo que o Senhor usou para ajudar a moldar o ouro.

Dor nos aproxima de Deus. Dor incurável mais ainda. Dor intratável nos humilha e nos rebaixa tanto que de baixo olhamos para cima e conseguimos enxergar com clareza a grandiosidade e a majestade do Todo-Pode-

roso. Spurgeon experimentou isso. E, quando lemos seus sermões e livros, não temos como não enxergar em cada linha de fé, devocionalidade, intimidade com o Altíssimo, exortação, consolo e edificação muitos “ais” escondidos no meio das palavras. É de amplo conhecimento que muitas de suas mensagens foram escritas quando ele estava convalescendo em casa devido a suas moléstias e depois lidas na igreja por algum auxiliar. Pare para pensar nisso: você, deitado num leito, cheio de dores e tristezas, tendo que escrever que Jesus é bom e sua misericórdia dura para sempre. Que proximidade do Senhor é preciso ter para fazer isso!

Spurgeon sabia que a desgraça desta vida não se compara à graça que conduz à vida eterna

Assim, as 12 mil pessoas que se aglomeravam no Tabernáculo Metropolitano para ouvir suas mensagens transmitidas oralmente não sabiam que muito do que chegava a seus ouvidos e corações havia sido escrito e refletido em meio a muita agonia. E podemos ver como Spurgeon, que acreditava em cura divina, encarava o problema em sermões como Amado, porém afligido, em que ele diz:

Querido amigo doente, não se tem perguntado frequentemente como que sua dolorosa e persistente doença pode ser consistente com o fato de ser eleito, chamado, e ser um com Cristo? Atrever-me-ia dizer que isso lhe deixa grandemente perplexo, e com toda verdade, não é de nenhuma maneira estranho, antes, é algo que se deve esperar. Não deveria surpreender que o homem a quem o Senhor ama esteja enfermo, pois é só um homem. O amor de Jesus não nos separa das necessidades e das

debilidades comuns da vida humana. Os homens de Deus seguem sendo homens. O pacto da graça não é uma carta de privilégio que nos exime da tuberculose, do reumatismo, ou da asma. Os males corporais, que nos sobrevêm por causa de nossa carne, nos acompanharão até a tumba, pois Paulo disse: “Os que estamos nesse tabernáculo gememos”. Aqueles a quem o Senhor ama são mais propensos a adoentarem-se, pois estão debaixo de uma peculiar disciplina. Está escrito: “Porque o Senhor ao que ama, disciplina, e açoita a todo o que recebe por filho” A aflição de qualquer tipo é um dos sinais dos filhos verdadeiramente nascidos de Deus, e sucede com frequência que a prova toma a forma de enfermidade. Haveria de nos surpreender, então, que tenhamos que tomar nosso turno no leito da enfermidade? Se Jó, Davi e Ezequias, em seu momento, tiveram que se sofrer, quem somos nós para espantarmos-nos porque nos encontramos sofrendo de má saúde? Tampouco deveria nos surpreender que fiquemos doentes, se refletirmos no grandioso benefício que flui da prova para nós. (...) Os homens fortes são sujeitos a serem duros, mandões e indiferentes, e, portanto, necessitam ser colocados e fundidos no forno. Conheci certas mulheres cristãs que nunca teriam sido tão delicadas, ternas, sábias, experimentadas e santas se não houvessem sido abrandadas pela dor física. Há frutos no jardim de Deus, tal como no jardim humano, que não amadurecem enquanto não sejam golpeados. Jovens mulheres que são propensas a serem voláteis, altivas ou tagarelas, frequentemente são treinadas por várias enfermidades para que estejam cheias de doçura e luz, e dessa forma, são ensinadas a sentar-se aos pés de Jesus. Muitas delas têm sido capazes de falarem com o salmista: “Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos.” (...) Muitas vezes a enfermidade dos amados do Senhor é para o bem de outros. A igreja e o mundo podem extrair um imenso benefício das aflições dos homens bons: os descuidados podem ser despertados, os que duvidam podem ser convencidos, os ímpios podem ser convertidos, e os enlutados podem ser consolados através de nosso testemunho na enfermidade: e, se é assim, desejaríamos evitar a dor e a debilidade?

Eis a bendita desgraça. Charles Spurgeon a entendeu. E a pregou. Imagino se ele tivesse vivido em nossos dias, quando milhares acreditam na heresia de que todo cristão ficará sarado fisicamente se tão somente tiver fé e “tomar posse da cura”, o quanto não teria se entristecido. Veria como a má compreensão de Isaías 53 leva muitos a crer naquilo que Deus nunca prometeu: cura para todos. Mas Jesus nunca curou Spurgeon. Nunca curou a filha de Wigglesworth, o ressuscitador de mortos. Nunca curou o pecador Mauricio Zágari. E pode ser que nunca cure você. Nessas horas, devemos usar nossas vidas do mesmo modo que o Príncipe dos Pregadores: como um sermão vivo.

“Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos”. Que frase difícil de dizer! Mas que verdade bíblica inegável! Uma verdade que preferimos ignorar, por ser natural ao ser humano odiar a dor e o sofrimento. Só que, se o soberano Deus decide que não sejamos curados e que sofram até a morte, só nos resta dizer “o Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor”. E que nossas limitações nunca sejam um impedimento para nossa vida de fé, para adorarmos o Criador e para levarmos o amor ao próximo. Pelo contrário: que sejam um combustível para fazermos isso.

Pois sabemos que na vida eterna teremos repouso. Enquanto combatemos o bom combate teremos aflições. Mas pelo tempo que aqui estamos devemos nos lembrar das palavras de Paulo aos romanos: “Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”. Eis o que importa. Que nada nos afaste do amor do autor da vida.

Que nossas limitações nunca sejam um impedimento para nossa vida de fé, para adorarmos o Criador e para levarmos o amor ao próximo

Termino fazendo minhas as palavras com que encerrou o sermão Amado, porém afligido esse homem de Deus e de dores chamado Charles Haddon Spurgeon:

Se Jesus lhe ama, e está enfermo, que todo o mundo veja como você glorifica a Deus em sua enfermidade. Os amigos e as enfermeiras não de ver como os amados do Senhor são animados e consolados por Ele. Sua santa resignação há de assombrar-los, e conduzir-lhes a admirar a seu Amado, que é tão cheio de graça para contigo, e que lhe faz feliz na dor e lhe dá gozo às portas do sepulcro. (...) Busca Seu rosto de imediato, e pudera ser que sua atual enfermidade fora uma parte da faceta do amor pelo quão Jesus quer atrair-lhe a Ele. Senhor, sara todos esses enfermos na alma e no corpo. Amém.

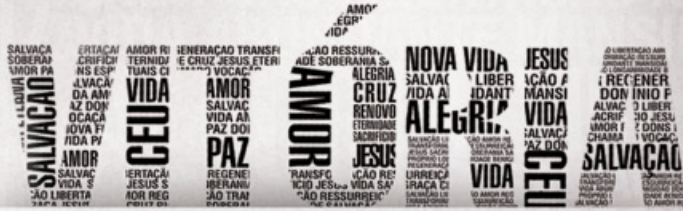
Desejo encontrar um dia o Príncipe dos Pregadores e bater um bom papo com ele. Pois então o Senhor terá enxugado dos nossos olhos toda lágrima, não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. Que venha esse momento em que desfrutaremos da graça em sua plenitude. A bendita graça, que Spurgeon tanto proclamou, mesmo tendo caminhado de mãos dadas por anos e anos com a bendita desgraça.



Mauricio Zagari é jornalista, membro da Igreja Cristã Nova Vida, tradutor e autor dos livros “A Verdadeira Vitória do Cristão” e “O Enigma da Bíblia de Gutemberg”



A VERDADEIRA



DO CRISTÃO

Do escritor vencedor
de dois prêmios Areté:

“Autor revelacão”
e “Melhor livro de
Ficção/Romance”

Maurício
Zágari

0800 701 3490 | www.editoraannodomini.com.br

AD
anno domini

SPURGEON TV



WWW.SPURGEON.TV

Perguntando pelas Veredas Antigas



Por J. C. Ryle

“Assim diz o SENHOR: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para as vossas almas.” Jr 6:16.

II Do conselho geral que Jeremias dá em nosso texto, eu passarei para a instrução específica que o Senhor ordenou a ele proclamar aos homens da sua geração. Se eles realmente estavam desejando ouvir seu conselho para “levantar-se, e ver,” e considerar seus caminhos, ele propôs-lhes “perguntar pelas veredas antigas”.

Agora o que Jeremias queria dizer quando ele falou das “veredas antigas”? Eu não encontro dificuldade em responder essa questão. Eu não tenho dúvida que a frase refere-se aos caminhos antigos em que os patriarcas de Israel andaram por 1300 anos – os caminhos de Abraão, Isaque, e Jacó, os caminhos de Moisés, Josué, Samuel, os caminhos de Davi, Salomão, Ezequias, Josafá – os caminhos em que a regra de vida era o Decá-

logo, e a ordem do culto que foi desenvolvida, o tipificador sistema sacrificial onde a essência era a fé na vinda do Redentor. Esse padrão que os homens do dia de Jeremias foram chamados a recuperar eu nunca hesitaria manter. Declínio e baixa condição espiritual de Israel eram frequentes, desde o primeiro dos Juízes ao último dos Reis, eu não vejo nenhuma evidência que os Dez Mandamentos e a lei sacrificial foram alguma vez destronados ou cancelados. Pelo contrário, eu acredito que eram honrados e reverenciados por cada judeu que era um “verdadeiro israelita”. Nos dias mais sombrios dos Reis, eu creio que sempre havia alguns que velavam secretamente pelo estado corrompido da nação, e, como Simeão e Ana, mantiveram a fé e desejaram por dias melhores. E um retorno geral às “veredas antigas”, e não menos que isso, Jeremias declarou, era a úni-

ca possibilidade de esperança para o futuro dos seus compatriotas.

Mas é o princípio anunciado por Jeremias um princípio que aplica-se somente para sua época? Nada disso! Eu estou firmemente convencido que um bom remédio para as doenças espirituais do século dezanove é uma corajosa e resoluta jornada pelos “antigos caminhos,” antigas doutrinas, e da fé dos dias passados. O erro, sem dúvida, é muitas vezes bastante antigo, todavia a verdade é sempre antiga. O coração dos homens é o mesmo de 6000 anos atrás, e precisa do mesmo remédio. Deus nesse longo período usou várias dispensações, e cada geração seguinte tem gozado de mais luz. Mas os fundamentos da verdade tem sido sempre os mesmos, e o caminho pelo qual pecadores alcançam o céu o único e mesmo caminho. Eu afirmo ousadamente que as ge-

Nós ansiamos que toda a Cristandade retorne aos caminhos antigos dos Cristãos primitivos

rações não necessitam de nada novo. O que necessitam é o simples, claro, e firme ensino sobre “as veredas antigas”. Não me dêem caminhos modernos inventados pelo homem. Mostrem-me onde os patriarcas, profetas, Apóstolos, Pais, e Reformadores deixaram suas pisadas, conseguiram uma boa nova, e fizeram uma marca no mundo. “O caminho antigo é o bom caminho”.

Nós ansiamos que toda a Cristandade retorne aos caminhos antigos dos Cristãos primitivos. Os primeiros seguidores dos Apóstolos, eram, indubitavelmente, como seus mestres, “homens sem letra e indou-

tos.” Eles não tinham livros impressos. Eles tinham credos resumidos, e formas muito simples de culto. Eu duvido muito se eles

Inovação é o ídolo de hoje

teriam capacidade de fazer um exame nos Trinta e Nove Artigos, ou do Credo de Atanásio, ou mesmo no Catecismo da Igreja. Mas o que eles conheciam eles conheciam profundamente, criam intensamente, e proclamavam sem hesitação, com um ardente entusiasmo. Eles agarravam com as duas mãos, não pelas pontas dos dedos, a Personalidade, a Divindade, os ofícios, a mediação, a obra expiatória, a gratuita e completa graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e a inseparável necessidade de arrependimento, fé, e a vida de santidade como a de Cristo, abnegação, e caridade. Sobre essas verdades eles viveram, e por elas estavam prontos a morrer. Equipados com essas verdades, sem ouro para subornar ou espada para forçar acordo, eles viraram o mundo de cabeça para baixo, intrigaram filósofos gregos e romanos, e alteraram por dois ou três séculos a cara da sociedade inteira. Podemos consertar esses “caminhos antigos”? Podemos melhorá-los depois de dezoito séculos? A natureza humana requer um remédio diferente? Eu acredito que os ossos do esqueleto humano mais antigo já descoberto são similares aos ossos dos homens nestes dias, e eu acredito que natureza moral e os corações dos homens, depois do passar dos tempos, são exatamente os mesmos. Seria melhor nós indagarmos pelas “veredas antigas.”

Nós desejamos para toda Igreja da Inglaterra um retorno aos caminhos antigos dos nossos Reformadores Protestantes. Eu

concordo que eles eram trabalhadores rudes, e cometeram alguns erros. Eles trabalhavam sobre imensas dificuldades, e merecem um sensível julgamento e justa consideração. Mas eles reavivaram do pó os grandes fundamentos da verdade que estavam bem enterados e esquecidos. Eles trouxeram de volta a justa proeminência de princípios cardeais como a suficiência e supremacia da Escritura, a justiça e responsabilidade do julgamento individual, e a gratuita justificação pela fé sem as obras da lei, e sem qualquer homem ordenado ou qualquer cerimônia interpondo-se entre a alma e o Salvador. Pela preservação dessas verdades em nossos Artigos e Liturgia, pela incessante impressão delas no cuidado de nossos antepassados, eles mudaram completamente o caráter desta nação, e ergueram um padrão de verdadeira doutrina e prática, que, depois de três séculos,

As vitórias do Cristianismo, sempre que foram ganhas, foram ganhas pela teologia dogmática distinta; por contar aos homens da morte vicária e sacrificial de Cristo; Da substituição deles por Cristo na cruz; e Seu precioso sangue

é um poder na terra, e tem uma influência sobre o caráter insensível dos ingleses para o dia de hoje. Podemos consertar esses “caminhos antigos”? Tampouco melhorariamos eles voltando atrás da Reforma e aumentando as cerimônias religiosas de um lado, ou adotando visões mais baixas de inspiração e expiação de outro? Eu desconfio completamente. Eu creio que os homens de 300 anos atrás entenderam os desejos reais da natureza humana melhor do que muitos fazem em

1882.

É claro que eu estou bem ciente que os “velhos caminhos” pelos quais estou pleite-

Nós desejamos para toda Igreja da Inglaterra um retorno aos caminhos antigos dos nossos Reformadores Protestantes

ando não são populares em alguns setores nesses dias. De fato, as opiniões que eu tenho proposto estão em direto antagonismo com a tão conhecida sabedoria destes tempos. “Sistemas decadentes”, “credos do velho mundo”, “teologia petrificada”, “teorias despedaçadas”, “doutrinas desgastadas”, “divindade à moda antiga”, e outras frases preferidas, quem não conhece o fogo pesado de semelhante linguagem que é continuamente empregada nos “caminhos antigos” da fé em alguns órgãos de opinião pública, e de alguns púlpitos e plataformas? Inovação é o ídolo de hoje. Manuseio livre, visões esclarecedoras, interpretação racionalista, ciência (tão evocada) antes da Bíblia, estes são os princípios norteadores de muitos nesta geração. Diga-lhes que qualquer ideia religiosa é antiga, e eles parecem pensar que ela é provavelmente falsa! Diga-lhes que é novo, e provavelmente é verdade!

Pois, apesar de tudo, quando escarnekedores modernos em “caminhos antigos” e crenças “usadas” tem dito sua opinião, ainda restam alguns fatos graves que podem nunca ser explicados, e algumas questões que podem receber somente uma resposta. Eu pergunto corajosamente, O que amplamente bom tem sido feito no mundo, exceto pela teologia dos “caminhos antigos”? E eu confiantemente desafio uma resposta, porque eu sei que nenhuma pode ser dada.

O coração dos homens é o mesmo de 6000 anos atrás, e precisa do mesmo remédio

Eu afirmo, firmemente, nunca houve qualquer crescimento do evangelho, qualquer conversão das nações ou países, qualquer trabalho evangelístico bem sucedido, exceto pelas doutrinas marcantes à moda antiga dos Cristãos primitivos e dos Reformadores. Eu convido qualquer oponente da teologia dogmática a mencionar um simples caso de um país, ou cidade, ou povo, que tenha sido Cristianizado simplesmente dizendo aos homens que “Cristo foi um grande Mestre moral, --que eles devem amar um ao outro, que eles devem ser verdadeiros, e justos, e altruístas, e generosos, e fraternais, e otimistas,” e coisas do tipo. Não! Não! Não! Nenhuma simples vitória por esse ensino pode ser mostrada: nenhum troféu tal ensino pode exibir. Nenhuma salvação se forjou sobre a terra. As vitórias do Cristianismo, sempre

que foram ganhas, foram ganhas pela teologia dogmática distinta; por contar aos homens da morte vicária e sacrificial de Cristo; por mostrar aos homens a substituição deles por Cristo na cruz; e Seu precioso sangue; por ensiná-los sobre justificação pela fé, e anunciá-los a crença em um Salvador crucificado; pela pregação da ruína pelo pecado, redenção em Cristo, regeneração pelo Espírito, pelo levantamento da serpente de bronze; por dizer-lhes para olhar e viver, para crer, arrepender-se, e ser convertido. Esses são os “caminhos antigos.” Este, este é o único ensinamento que por dezoito séculos Deus tem honrado com sucesso, e está honrando hoje em casa e fora. Deixem que os mestres da ampla e não-dogmática teologia, ou os pregadores do evangelho da seriedade, sinceridade e moralidade fria, ou advogados do cerimonial, sensorial, teatral, Cristianismo Sacramental mostrem neste dia qualquer vila, paróquia, cidade ou distrito, que tenha sido evangelizado sem o ensino doutrinário singular dos “caminhos antigos.” Eles não podem, e nunca irão fazer isso. Não há como negar os fatos. O bem que é feito na terra pode ser comparativamente pequeno. O mal pode abundar, e impacientes ignorantes podem murmurar e bradar que o Cristianismo falhou. Mas nós devemos admitir que, se nós quisermos fazer o bem e sacudir o mundo, precisamos lutar com as velhas armas apostólicas, e afixar os “velhos caminhos.”

Eu afirmo ousadamente que as gerações não necessitam de nada novo. O que necessitam é o simples, claro, e firme ensino sobre “as veredas antigas”. Não me dêem caminhos modernos inventados pelo homem



J.C. Ryle foi um religioso inglês, o primeiro bispo de Liverpool da Igreja da Inglaterra. Ele foi educado em Eton e em Christ Church, em Oxford. Ryle foi um forte sustentador da escola evangélica e um crítico do ritualismo. Ele tornou-se um líder da ala evangélica na Igreja da Inglaterra e foi notório por seus ensaios doutrinários e seus escritos polêmicos.

FRASES DO SPURGEON

Nunca devemos falar de Deus aos homens no poder da persuasão, a menos que falemos dos homens a Deus no poder da oração! - Spurgeon



Vários dos primeiros seguidores de Cristo eram simples, pescadores, singelos à sua maneira, mas mesmo assim eles precisavam ser nascidos de novo – não importa quão boa uma pessoa pode ser, ou como ela seriamente busca conhecer a Verdade de Deus, ela não pode escapar da necessidade que se aplica a toda a raça humana! “Você precisa nascer de novo”. - Spurgeon

“Quando Jesus disse: “Eu sou o Caminho,” Ele teve claramente a intenção de excluir todas as outras formas, por isso tome cuidado para que você não perca em qualquer um deles!” - Spurgeon

Alguns teólogos necessitam uma semana para dizer-te o que deves fazer para ser salvo: mas Deus, o Espírito Santo, só precisa de cinco letras para fazê-lo. “Olhai para mim, e sereis salvos, todos os termos da terra.” - Spurgeon



Projeto Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

www.projetospurgeon.com.br



Projeto

Ryle

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA

www.bisporyle.blogspot.com

Faze-me teu servo fiel, ó meu Deus, que eu te honre em meu tempo e em minha geração, e que seja consagrado para sempre a teu serviço.

C. H. Spurgeon



Projeto Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado